



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR		
EVENTO: Reunião	Nº: 0283/02	DATA: 17/04/02
INÍCIO: 9:06	TÉRMINO: 11:39	DURAÇÃO: 2:33
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2:33	PÁGINAS: 97	QUARTOS: 31
REVISÃO: Anna Augusta, Madalena, Zilfa		
SUPERVISÃO: Daniel, Debora, J. Carlos, Zuzu		
CONCATENAÇÃO: Myrinha		

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
NARA SCHIRMER DUARTE - Advogada ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Pastor evangélico FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - irmão do Deputado José Aleksandro

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos relativamente à Representação nº 1.602, contra o Deputado José Aleksandro, por quebra de decoro parlamentar.

OBSERVAÇÕES
A reunião foi suspensa no início para oitiva do advogado Rui Duarte, após o que foi reaberta. Há termos ininteligíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Declaro abertos os trabalhos da presente reunião do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. Deixo de submeter a ata à votação porque não houve tempo para prepará-la, mas na reunião subsequente vamos colocar em votação, se possível, as atas das reuniões de ontem e de hoje.

A reunião de hoje tem por finalidade ouvirmos as seguintes testemunhas de defesa do nobre Deputado José Aleksandro: a Dra. Nara Shirmer Duarte, a quem convido para tomar assento à Mesa, o Deputado Osmir D'Albuquerque Lima, o Sr. Adir de Souza Tolentino e o Sr. Francisco Sandro Alves da Silva.

Vou ler o termo de compromisso:

"Nos termos do art. 12, inciso I, do regulamento, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado a cerca dos fatos relativos à Representação nº 1.602, apresentada contra o Deputado José Aleksandro."

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Tem V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Sr. Presidente, gostaria que V.Exa. suspendesse, por três ou quatro minutos, a reunião para que o Dr. Duarte possa fazer a explanação para a Mesa e para os Deputados presentes de fato relevante e muito técnico, pois não tenho como fazê-lo agora. Como o Dr. Rui não pode usar da palavra durante a reunião, gostaria que V.Exa. me atendesse.



O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Vamos atender ao Deputado José Aleksandro e ouvir o Dr. Rui Duarte.

Está suspensa a reunião por três minutos.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Está reaberta a reunião.

A Presidência esclarece que as objeções do Dr. Rui, aliás, absolutamente compreensíveis, circunscreveu-se à hipótese de a Presidência haver considerado como acusação nova aquilo que foi declarado ontem pelo Deputado Nelson Pellegrino, no que diz respeito a uma suposta falta com a verdade do Deputado José Aleksandro na CPI etc.

A Presidência esclarece que há total liberdade de qualquer testemunha, de acusação ou de defesa, dizer o que quiser e bem entender. Acostado como fato novo no processo nada temos. O único procedimento que a Presidência acolheu foi um ofício do Diretor da Câmara ao Diretor-Geral dizendo que não expede — está acostado e será distribuído — os tais adesivos que são colados nos carros. Hoje formalizaremos a juntada do resultado da diligência feita ontem, a requerimento do Sr. Relator, no que diz respeito à existência de outros adesivos, como aqueles encontrados em carros estacionados na Câmara dos Deputados.

Portanto, a rigor não há o receio, compreensível do Deputado, através do seu advogado, de reiterada formulação de novas acusações etc. Tais acusações formalmente inexistem. Serão registradas aqui como opinião do Deputado Nelson Pellegrino.



Lembro também, pela enésima vez, que não estamos aqui nos circunscrevendo ao pontuar específico "b" ou "c". Trata-se de formar ou não no juízo dos Srs. Parlamentares uma conduta que tipifique quebra do decoro parlamentar. Conceito, repito, difuso e difícil e evidentemente balizado pela representação da Mesa da Câmara dos Deputados. Com isso fica bem posta, suponho, a questão.

Alguma dúvida? (*Pausa.*) Não agora.

Retomamos o ritmo normal da audiência.

A Presidência não privilegiou as testemunhas arroladas pelo Relator ou sugeridas pelo Plenário, mas permitimos que aquelas três primeiras testemunhas fizessem exposições mais alentadas, até para introduzir o tema. Hoje vamos ao estrito mandamento regimental. Uma vez que são testemunhas de defesa, pressupomos conhecerem os fatos, e faremos aqui a inquirição na forma regimental. O Sr. Relator fará à testemunha as perguntas que entender procedentes e em seguida os membros da Comissão. Se a Dra. Nara quiser fazer uma pequena explanação inicial não há prejuízo algum. A Presidência deixa a seu critério. Apenas preocupo-me um pouco com o tempo, pois teremos hoje a oitava de cinco testemunhas. Quero que tudo transcorra em bom termo.

A Dra. Nara prestou o compromisso — aliás, ontem, esqueci-me de dizer que também prestou o compromisso regimental o Deputado Nelson Pellegrino. Pergunto à Dra. Nara se conhece os fatos que estão sendo apurados.

A SRA. NARA SHIRMER DUARTE - Na verdade, estou aqui para esclarecer apenas um fato. Portanto, gostaria de especificá-lo para que as perguntas se restringissem a ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Pois não, doutora.



A SRA. NARA SHIRMER DUARTE - A transferência do irmão do Deputado José Aleksandro, Alexandre Alves da Silva, o Nim, da Papudinha para o quartel do COE, de onde ele fugiu. Acompanhei o Deputado nessa negociação com os Procuradores da República. Fiz o pedido por escrito. Trouxe uma cópia do pedido e entreguei diretamente à Dra. Raquel Dodge, Procuradora-Regional da República, com o objetivo de que começassem as tratativas para a transferência do réu colaborador. Portanto, é sobre esse fato que posso prestar esclarecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Pois não.

Passo a palavra ao Sr. Relator.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Dentro do princípio da liberdade de informação, gostaria que V.Sa. explicasse os detalhes: em que condição V.Sa. atuou como advogada? Como representante do preso? Como sua procuradora? Como foi o início dessa negociação? Foi o preso que lhe solicitou? Foi o Deputado José Aleksandro? Enfim, toda a tramitação desse episódio que culminou com a transferência e a colaboração do Nim com o Ministério Público e as autoridades policiais do Estado do Acre, por favor.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Trabalhamos juntos — meu pai, Dr. Rui Duarte — no escritório, em Rio Branco. Na verdade, o Deputado José Aleksandro é cliente dele e não meu. Ele procurou o Dr. Rui querendo saber sobre a lei de proteção à testemunha, qual o benefício que o Nim poderia ter, se ele poderia ser transferido, se a pena dele poderia ser diminuída, em razão de algum benefício que ele pudesse trazer aos processos que estão em tramitação na Justiça Federal.



O Dr. Rui explicou a ele um pouquinho da lei, que ele podia pedir para ser transferido da unidade prisional onde estava para outro Estado e que ao final ele poderia ter a pena reduzida, conforme está na lei.

O Dr. Rui viajou e eu fiquei em Rio Branco. O Deputado conversou comigo e disse: "Nara, vamos tratar com o Dr. Santoro, com a Dra. Raquel, como a gente pode fazer isso".

Nós começamos as negociações. Fiz o pedido por escrito. Já o passei ao Sr. Relator e diretamente para a Dra. Raquel. O pedido foi no seguinte sentido: que o Nim fosse transferido da Papudinha, que é o presídio federal, em Rio Branco, para outra unidade da Federação, ou seja, para outro Estado. Ele não queria ir para alguma outra unidade prisional dentro de Rio Branco, até porque ele iria delatar, iria especificar a conduta de outros presos que estavam em outras unidades da Federação, e isso iria ficar um pouco problemático para ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Em outras unidades da Federação ou em outras unidades prisionais do Acre?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Do Acre, desculpe-me. No Acre existem, na verdade, três lugares onde ficam os presos federais: a Papudinha, que é a unidade federal; a própria Superintendência da Polícia Federal, que tem um lugar reservado, onde estão alguns presos e onde o Nim ficou por quase um mês, quando ele foi transferido da Papudinha; o quartel do COE, que é um quartel da Polícia Militar do Estado, onde estão alguns presos federais. O Nim não queria ir para o quartel do COE, porque lá já estavam outros presos e ele iria sofrer ameaças, enfim, ter um grande número de problemas. As nossas tratativas foram para que ele fosse transferido do Acre. Foi esse o nosso pedido. E depois, se pudesse ter algum



benefício, como redução de pena, ele teria. Os Procuradores concordaram, foram a Rio Branco — o Dr. Santoro e a Dra. Raquel — num final de semana, porque eles estavam com vários processos em andamento, várias coisas, e me perguntaram se poderia ser no sábado e no domingo. Tudo bem. Nós ficamos o sábado e o domingo inteiro ouvindo o Alexandre, lá na sede da Procuradoria da República. Se não me engano, foi na sexta-feira que o Nim saiu da Papudinha e foi para a Polícia Federal. E lá, na Polícia Federal, ele permaneceu um tempo. E a combinação com os Procuradores era a de que ele seria transferido para outro Estado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. me permite uma interrupção?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Claro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quem teve a iniciativa, quem determinou a remoção do Nim da Papudinha para as dependências da Polícia Federal nesse primeiro momento? Foi iniciativa de quem? Quem tomou essa iniciativa?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Foi um pedido nosso, em razão de ele estar delatando outros presos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Isso eu entendi. Eu queria saber quem ordenou, porque, naturalmente, os advogados, o interessado não têm poder de movimentar presos. Eu queria saber isso.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu acredito que tenham sido os procuradores, em razão do pedido que fiz para ele tornar-se réu colaborador.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eu entendi. V.Sa, como defensora do Nim, manifestou ao Ministério Público — veja se bem entendi — a



intenção do seu cliente de se tornar colaborador com o Ministério Público, com as autoridades do Acre, no sentido de esclarecer fatos criminosos em apuração naquele Estado. Quer dizer, isso é o que consta do requerimento de V.Sa. A partir daí, começou a se movimentar uma máquina estatal no sentido de tirar o Nim daqui, passar para lá, levar aqui, onde ele foi ouvido e tal etc. Eu quero saber quem é que impulsionou isso aí, quem é que escreveu: "Olha, precisa tirar ele daqui, botar ali. Ele vai depor no dia tal". Como é que se processou isso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu acredito que tenha sido através do Ministério Público Federal, através dos procuradores, que tenham feito sua solicitação diretamente ao Juiz Federal, e o Juiz tenha atendido a eles.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então, com referência à movimentação do preso, do estabelecimento "a" para o estabelecimento "b", isso não aconteceu por requerimento de V.Sa.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Aconteceu por requerimento do Ministério Público?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acredito quem sim. Acredito que sim. Eu não tenho nenhum documento para provar isso. Mas não foi a requerimento nosso. O requerimento nosso era que ele saísse da Papudinha e fosse para um lugar que não tivessem outros presos, para que ele não sofresse conseqüências.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - A senhora esclareceu que seria uma outra Unidade da Federação.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Isso.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eu presumo até que seja Goiás. É isso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Na verdade, falou-se em Goiás, porque ficaria perto de Brasília. O Deputado poderia ir visitá-lo e tal. Mas não havia assim uma escrita: tem que ser Goiás.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei, uma unidade qualquer.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Que fosse outra unidade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Está certo. V.Sa., por obséquio, pode prosseguir.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não, então, é isso. Aqui são as declarações do Nim. Se V.Exa. quiser, podemos juntar. Eu só lembro que os processos estão sob segredo de justiça, na Justiça Federal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - O Ministério Público teve interesse na colaboração de Nim e, para tanto, solicitou ao juiz competente, para a movimentação do preso, que ele fosse transferido da chamada Papudinha, que é um presídio federal, de Rio Branco, para as dependências da Polícia Federal, no início.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E, posteriormente, ele foi para o COE. É isso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Quartel do COE. Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Que é um presídio, sob...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Na verdade, ele não é um presídio, é um quartel da Polícia Militar do Estado...



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - ...sob a administração da Polícia Militar.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem.

Então, o Nim teve o seu depoimento colhido por quem, quando ele resolveu colaborar?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Pelo Dr. Santoro, Dra. Raquel e o Delegado da Polícia Federal, Dr. Novais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Isso nas dependências da Polícia Federal.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não, nas dependências do Ministério Público Federal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Do Ministério Público Federal. Quer dizer que ele foi removido das dependências da Polícia Federal, onde se encontrava, levado ao gabinete dos procuradores, e lá ele prestou esse depoimento...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - ...cuja cópia V.Sa. nos está oferecendo.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Isso. Que foram prestados durante o sábado e o domingo. Foi o final de semana inteiro, na companhia do Deputado José Aleksandro e na minha companhia.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. Prestado o depoimento e, digamos assim, acabada a colaboração que ele queria prestar, qual foi o destino dado ao Nim?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - O que os procuradores disseram à época é que estavam aguardando a resposta de um presídio. No caso, seria Goiânia, se tivesse lugar para que o Nim fosse transferido.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Como retribuição à colaboração que ele havia prestado às autoridades?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Enquanto se aguardava essa resposta, o que aconteceu?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Nim acabou ficando na Polícia Federal. Eu não sei precisar quanto tempo. Acredito que quase um mês. E depois foi transferido para o quartel do COE. Eu também não sei por quê. Na verdade, não foi um pedido nosso, de maneira alguma, porque no COE já existiam outros cinco presos federais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas não foi um pedido do Deputado José Aleksandro?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não, não foi um pedido do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Isso foi uma deliberação das próprias autoridades.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Exatamente.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bem, aí ele foi transferido para esse quartel, que se acha sob responsabilidade da Polícia Militar. A Papudinha é um estabelecimento prisional de segurança máxima, média ou é um presídio?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olha, teria de ser de segurança máxima, mas...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas é ou não?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu acredito que não seja. Quer dizer, dentro do Estado, é o presídio de maior segurança, com absoluta certeza.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ele é, oficialmente, designado. Eu entendi. Mas V.Sa. acredita que as regras não são observadas com rigor. Entendi. Essa foi a colocação. É isso mesmo?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o COE é um estabelecimento, já disse V.Sa., é um quartel. Quanto às condições concretas, reais, V.Sa. classificaria como um estabelecimento, digamos, de condições de segurança máxima, média ou...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Baixíssima. Eu classificaria, porque a porta do presídio tem um espaço e um muro. O muro tem um metro e meio.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Perdão?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - O muro do quartel tem um metro e meio, então...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quer dizer, dá para pular sem botar a mão?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sem nenhum problema.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E esse muro é a única coisa que separa, digamos, o preso da rua?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Na verdade é assim: há um edifício do quartel, um espaço e um muro e, saindo do edifício, só existe aquele muro que separa a rua.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então, eu posso presumir que Nim, em face da colaboração que tinha prestado, já gozava de certa confiança por parte do Ministério Público e do juiz, porque para botá-lo num presídio nessas circunstâncias é preciso haver certa confiança.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Bom, não era essa a nossa intenção. Nossa intenção era a de que ele fosse transferido...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Para outro Estado?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - ...para outro Estado, porque ele já vinha sofrendo ameaças lá na Papudinha e no quartel do COE, onde estavam os principais presos que ele havia delatado nesse depoimento. Quer dizer, não era o lugar onde ele gostaria de estar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Espere um pouquinho. Então, as autoridades determinaram que ele fosse para esse COE, de onde ele fugiu, onde ele convivia com as pessoas que ele tinha delatado. É isso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Exatamente. Por isso é que não foi um pedido da defesa, nem um pedido do Deputado José Aleksandro. Sabíamos à época que ele poderia até ser morto lá dentro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Isso é quase meio caminho andado...



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Com absoluta certeza.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - ...com o devido respeito.

Enfim, agora começa a aparecer aqui um provável motivo da fuga.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É. Realmente, da fuga não tenho conhecimento. A partir daí, eu já não falei mais com Nim. Eu tive contato com ele nesse depoimento que acompanhei, depois não tive mais contato com ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. Em que circunstâncias Nim conseguiu evadir-se do COE?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu não sei dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Durante o dia? Não sabe?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Realmente, eu não tenho conhecimento. Eu acredito que tenha sido durante o dia, porque me ligaram e me avisaram. Eu acho que foi de manhã, não sei. Não tenho certeza.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Isso é importante. A senhora, como advogada dele, que estava defendendo seus interesses, no momento, em seguida à fuga, a senhora foi comunicada?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Por quem?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Por um policial militar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Veja bem, eu estou fazendo-lhe perguntas que invadem as suas atribuições de advogada. Sei que a lei lhe assegura o direito de responder apenas ao que o sigilo profissional lhe permite, o sigilo que, aliás, se falar o que o sigilo cobre, isso configura até o crime previsto no



art. 325 do Código Penal, quebrar sigilo e tal. Mas, então, V.Sa. terá respeitado esse direito, enfim, o que puder responder.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - No que eu puder ajudar...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quem é que telefonou a V.Sa.?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Um amigo meu, que é policial militar, ficou sabendo da fuga dele ligou para mim e perguntou: "Nara, Nim é seu cliente?" Eu respondi: "Olhe, Nim não é propriamente meu cliente".

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas é do escritório?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É. Ele é irmão do Deputado, que é cliente do meu pai. Na verdade, atendemos a ele em algumas questões, mas não em todas, até porque o Deputado tinha, à época, uma outra advogada que estava lá no Acre atendendo a ele e que foi a pessoa que até cuidou do caso, fez o pedido para liberação do carro, se não me engano, esse tipo de coisa. Então, na época, na fuga do Nim, eu não era advogada dele. Eu fui advogada nessa questão do depoimento como réu colaborador, tanto que esse meu amigo me ligou e perguntou: "Olhe, Nim é teu cliente? Porque ele fugiu". Eu respondi: "Olhe, Nim não é meu cliente, mas eu não sei no que eu posso ajudar". Ele: "Ah, então está bom, tchau", e desligou o telefone. Foi assim que eu fiquei sabendo da fuga do Nim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele falou em que circunstâncias Nim teria fugido?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Apenas ele disse: fugiu.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Fugiu.



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É. Ele perguntou: "Nim é teu cliente?"

Eu respondi: "Ele foi. Eu assisti a ele, mas agora não estamos cuidando propriamente do caso dele".

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. sabe quando o Deputado José Aleksandro ficou sabendo da fuga do Nim?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Ah, eu não sei dizer. Não sei dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom, sobre... Consta que Nim teria saltado esse muro de um metro e meio, como diz V.Sa.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É, não sei se é um metro e meio, mas aproximadamente. É um muro baixo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E que ele se teria evadido ali da rua, que ganhou com a transposição do muro, numa motocicleta. V.Sa. ouviu dizer isso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu ouvi falar. Mas, como volto a lhe dizer, não tenho conhecimento desses fatos. Foi assim, apareceu na imprensa, o que se comentou...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E comentou-se quem estava pilotando essa motocicleta na ocasião?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu ouvi falar que era um **motoboy**. Lá em Rio Branco existem muitos **motoboys**, são mototaxistas, não é?

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Circulou isso lá?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - O que foi dito foi isso, inclusive apareceu em jornal e tal.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E quem seria esse... chegou a ser identificado esse **motoboy** naquelas notícias e tal, o nome dele?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu acredito que não. Acredito que não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quantas empresas de mototáxi tem em Rio Branco?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Na verdade, não é uma empresa. Existe o sindicato dos mototaxistas, e os mototaxistas são filiados a esse sindicato. Não é uma empresa. Eu acho que eles são autônomos e são muitos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. não sabe se a polícia investigou esse...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não sei dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - ...quem é que teria prestado essa colaboração? Bom, muito bem. Posteriormente, então, V.Sa. teve informações sobre a recaptura do Nim. Onde e quando, em que circunstâncias ele foi recapturado?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Só o que ouvi pela imprensa e li nos jornais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o que foi?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Que ele foi capturado na Tucandeira, que é um posto policial. Na verdade, eu nem sei se é da Polícia Rodoviária Federal. Acredito que seja da Polícia Rodoviária e que ele estava junto com o irmão dele, num carro que é do Deputado, que fica à disposição do Deputado lá em Rio Branco, que é utilizado pelo irmão dele, pelos assessores. Eu sei porque já fui conduzida nesse carro diversas vezes dentro de Rio Branco.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quando o Deputado José Aleksandro está aqui em Brasília, quem é que circula com esse carro lá em...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É o irmão, o Budu, os outros assessores dele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Qual o nome do Budu? Eu sei, mas...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu não sei, não sei dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Seria Alexandre, não?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu acho que não, porque Alexandre é o Nim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É o Nim. Ah, perfeito, é um outro irmão?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É um outro irmão do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E essa Tucandeira, quantos quilômetros dista de Rio Branco?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não sei dizer, Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É longe ou perto?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acho que não é muito perto, mas eu não sei dizer.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mais ou menos?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu não conheço. Eu nunca fui até lá.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mais ou menos, tem idéia?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não tenho idéia.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sabe quanto tempo leva de carro para ir lá?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Também não tenho idéia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mais de uma hora, menos, não tem idéia?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Deve ser por essa... Acho que é mais de uma hora. Eu acho, é só uma suposição. Nunca fui até lá. Não sei a quilometragem.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quem mais estava no interior do veículo quando se deu a recaptura de Nim na Tucandeira?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - O que foi noticiado pelos jornais, e que é de onde eu tenho conhecimento, estava, acredito, que a esposa do Budu, do irmão do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É Budum, não é?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Budu. Tinha mais alguém no carro que não me recordo quem é.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Seria uma pessoa do sexo feminino?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, eu acredito que sim, mas eu não gravei realmente a notícia que eu li, foi tudo pela notícia que fiquei sabendo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. ouviu algum comentário sobre a eventual participação do Deputado José Aleksandro nessa fuga? Teve alguma informação, através da imprensa, houve algum comentário, alguma coisa?



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - O que comentaram é que o Nim estaria no carro do Deputado, na caminhonete do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quando foi recapturado?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas as notícias de jornal diziam que ele fugiu numa motocicleta, foi recapturado mais tarde na Tucandeira, num carro de propriedade do Deputado. Era isso que os jornais noticiavam?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acredito que sim. Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom, eu fiz a pergunta e acho que V.Sa. não me respondeu. Houve algum comentário sobre... só sobre isso, a utilização do carro do Deputado que ficava em Rio Branco sob responsabilidade do outro irmão do Deputado?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acho que não ficava sob responsabilidade do outro irmão. Ele ficava na casa do Deputado, a serviço das pessoas que trabalham para o Deputado. Ele tem alguns assessores, algumas pessoas que trabalham para ele lá.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom, agora fale um pouquinho da... O Deputado José Aleksandro tem um programa de televisão lá em Rio Branco?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Tem.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Como chama esse programa?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - "OX da Questão".



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É a TV Rio Branco o canal?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não sei lhe dizer, porque nunca assisti ao programa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Esse programa é um programa regular, quer dizer, enfim, é uma vez por semana, duas vezes, é um programa que tem regularidade, periodicidade?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É no domingo. Eu sei que é no domingo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Todos os domingos?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Todos os domingos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o Deputado José Aleksandro faz esse programa em que condição? É na condição de Deputado ou ele é também, digamos assim, um homem de comunicações?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - V.Exa. desculpe-me, não vou saber responder, porque nunca assisti ao programa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sabe se ele tem uma divergência política com o Governador?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Divergência política, sim. Vários políticos do Estado têm divergências políticas com o Governador, porque o Governador é do PT, que é um partido bem diferente dos demais, eu diria, pelo pouco que entendo de política.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. E essa divergência é muito acirrada, é uma... sei lá, tem bate-boca, tem agressões recíprocas, como convém a um bom debate político regional?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, aí eu não.... Eu acredito que sim. Mas é o que leio no jornal, vejo na televisão. De política, não entendo muito.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eu assisti a uma fita de um programa do Deputado José Aleksandro em que ele fala da situação das estradas e tal, aquela coisa toda, e ele diz: "Ah, que saudade do tempo do Governador Oleir Cameli, que fez aqui as estradas..." e aí vai entrevistando as pessoas e tal. V.Sa. viu esse programa?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Eu não assisti a nenhum dos programas do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quem é o Deputado Edivaldo? V.Sa. conhece?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Ele é um Deputado Estadual, se não me engano. Conheço-o assim, de ouvir falar. Não o conheço pessoalmente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. poderia dizer-nos sobre o conceito dele lá. Ele é dado a práticas, digamos assim, diferentes, extraordinárias e tal?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, eu realmente não sei dizer, primeiro porque moro no Acre há dois anos somente, segundo porque não me envolvo nessa questão política. Eu trabalho muito, então...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E... bom...



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eu não sou dada a ver televisão, ver assim... Jornal, eu leio.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Nos contatos que V.Sa. teve com o Deputado José Aleksandro, ele é evangélico, é um homem religioso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E nessas conversas que V.Sa. teve com ele — se puder responder sem violar o sigilo profissional a que está obrigada —, como é que ele expõe suas idéias? Ele invoca, por exemplo, a Bíblia com freqüência, não invoca, faz citações, ou não faz, ou V.Sa. nunca viu, como é que é isso aí?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, o que eu sei... O Deputado tem sempre uma Bíblia por perto. No carro, ele tem uma Bíblia. Uma vez ele me deu uma carona do aeroporto. Ele tem uma Bíblia. Ele lê a Bíblia. No avião ele lê a Bíblia.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Tentou converter V.Sa., por acaso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não? A pergunta que faço é com a maior seriedade e com o maior respeito.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, mas não, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E nos diálogos dele, quer dizer, todas as pessoas usam jargões. Os advogados dizem **in dubio pro reo**, qualquer conversa fora do ambiente técnico. O Deputado José Aleksandro, nessas conversas e tal, cita a Bíblia, enfim, ele...



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, o que posso dizer... Eu não tive muitas conversas com o Deputado. Uma vez eu me lembro que ele chegou a falar... Eu estava passando por um problema pessoal. Na época, ele chegou a comentar algumas coisas da Bíblia, mas no sentido de me dar apoio pessoal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Citando?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E essa história de narcotráfico lá no Acre, como é que é essa coisa? V.Sa. ouviu dizer lá que tem um problema de narcotráfico no Estado, essa coisa toda?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, quase todos os dias há manchete no jornal de apreensão de droga: cocaína, maconha.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Houve alguma alusão, alguma referência ao Deputado José Aleksandro em relação a esses assuntos de narcotráfico?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, eles tentam relacionar o Deputado, acredito, mas que eu saiba, que tenha notícia, não há nenhuma notícia direta.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eles tentam? Quem são eles?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Eles, digo, a imprensa. De vez em quando sai alguma nota, alguma coisa que tenta relacioná-lo com o Alexandre, porque ele foi condenado em primeira instância nesse processo de narcotráfico. Foi o grande processo de Rio Branco. Então, eles tentam relacionar: o irmão do



Deputado foi condenado, e tal. Mas, assim, que eu saiba, não há nenhuma notícia direta relacionando o Deputado a alguma questão ligada à droga.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. Sr. Presidente, estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Com a palavra o Deputado José Aleksandro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Quero perguntar à Dra. Nara, Sr. Presidente, se ela pode expor a este Conselho se tivemos alguns problemas de ordem da oitiva do Alexandre Alves da Silva com os procuradores.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, tivemos problemas assim: o Nim, no primeiro dia, chamou-nos — eu e o Deputado — para uma sala reservada e disse: "Olhe, fui procurado por uns outros advogados e eles disseram que vão colocar-me não sei onde, que não vão colocar-me fora do Estado. Eu estou preocupado, estou até com medo de depor, estou pensando em desistir". Foi o que ele nos comentou. Nós conversamos com ele, eu e o Deputado, e tentamos acalmá-lo, dizendo que não, que o Ministério Público Federal era uma instituição séria e que iria, em princípio, cumprir o combinado, que seria a transferência dele para outra Unidade da Federação. Foram esses os problemas que nós tivemos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Levamos quantos dias nesse depoimento?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Dois dias inteiros, o sábado e o domingo, de manhã até a noite.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - O Procurador, o Dr. Santoro, ou a Dra. Raquel, na fase do primeiro problema que tivemos, qual foi a posição deles com relação a tranquilizar o Alexandre Alves da Silva, o meu irmão?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Na verdade, eles queriam que Nim depusesse, para que os fatos fossem esclarecidos. Então, eles disseram: "Não, tu vais ser transferido, nós vamos conseguir um lugar para ti." Eles estavam sempre prometendo essa transferência. Com que mais lidávamos era essa transferência do Nim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Eles chegaram a falar em prazo? Eles deram um prazo para Nim diretamente depor? Em quantos dias eles conseguiriam essa transferência?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhem, em princípio, eles estavam dizendo: "Não, quando acabar o depoimento Nim vai ser transferido. Não, ele vai ser transferido imediatamente, não se preocupe, ele não vai ficar no Estado, ele não vai ficar." Foi o que eles estavam dizendo o tempo todo, no decorrer do depoimento.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - No depoimento do Alexandre Alves da Silva, do Nim, meu irmão, ele chegou a depor sobre alguma morte ligada a policiais militares?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, algumas mortes, se não me engano.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Ele especificou o que era policial militar, o que era policial civil? Ele chegou a especificar policial militar?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, sim.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - E houve, da parte da defesa, naquele momento, alguma solicitação para que de maneira alguma fosse colocado o Alexandre Alves da Silva em unidade militar, já por conta desse fato?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Olhe, não me lembro especificamente. Houve o pedido da defesa, meu pedido aos procuradores de que ele fosse transferido imediatamente. Foi isso que os procuradores nos haviam prometido: "Não, Nim vai acabar de depor hoje e vai ser transferido amanhã." Ele estava na Superintendência da Polícia Federal sozinho, como preso. Então, a defesa, nós não estávamos preocupados com alguma consequência desse depoimento do Nim, até aquele momento.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Estou satisfeito com as perguntas. Tenho uma última pergunta, Sr. Presidente: o Dr. Marcos Vinícius, em algum momento, participou da oitiva do Alexandre Alves da Silva?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - De maneira nenhuma, nem eu cheguei a conversar com o Dr. Marcos Vinícius. Acredito que ele nem fosse competente para tratar desse assunto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Estou satisfeito com as perguntas, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Não houve inscritos. Consulto os Srs. Deputados se algum deseja fazer perguntas. (*Pausa.*)

Com a palavra a Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Obrigada, Sr. Presidente.

Dra. Nara Schirmer Duarte, respondendo ao Sr. Relator, V.Sa. mencionou policial militar seu amigo. V.Sa. poderia declinar o nome desse policial?



A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - É um policial militar amigo meu, e preferia não declinar seu nome, até porque ele não teve nenhuma influência nesses fatos; apenas me ligou perguntando se eu era a advogada do prisioneiro, pois ele havia fugido. Respondi que não era advogada dele e que, se ele havia fugido, não podia fazer nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esse militar serve no COE?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Prefiro não responder a isso, se V.Exa. me permite.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cheguei atrasada e perdi seu relato inicial. Pelo que pude entender, V.Sa. atuou como advogada do Nim, apenas no seu depoimento prestado à Justiça Federal.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu pai é o advogado, de modo que V.Sa. participa de um escritório de advocacia?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, é seu pai quem costuma acompanhar...

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, ele costuma acompanhar o Deputado, ou seja, fazer as defesas dele.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas não acompanha o Nim?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acompanha também o Nim. Eu mesma já acompanhei Nim a uma ou outra audiência. Quando meu pai não pode acompanhar, eu o faço. Mas não são meus clientes.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Logo após a fuga do Sr. Nim, V.Sa. foi comunicada por um policial militar amigo seu.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas V.Sa. não foi procurada por alguém da família ou pelo próprio Nim ou por alguém que estivesse com ele?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Cheguei a comentar aqui que o Deputado estava com uma advogada trabalhando para ele em Rio Branco.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Essa advogada é do escritório de que faz parte V.Sa?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Ela até trabalhou no escritório, mas desde julho não trabalha mais lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, seu pai também já não atuava mais no caso?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Atuava em alguns casos do Deputado, não em todos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E não foi feito nem com V.Sa. e nem com ninguém de seu escritório para pedir a presença de advogados no caso da fuga?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. imagina que o advogado contactado — há relato de que foi contactado um advogado — teria sido essa outra advogada?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Essa outra advogada, a Dra. Jeanine Medeiros.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela continua acompanhando o caso até hoje?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Se não me engano, ela já nem mora mais no Acre.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem acompanha é o escritório de que faz parte V.Sa?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, na verdade meu pai acompanha, e não eu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, o escritório, mas acompanhado diretamente por ele.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim, o escritório.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu pai e o escritório a que V.Sa. pertence trabalham em todos os casos que envolvem o Deputado José Aleksandro?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Acredito que não seja em todos. O Deputado tem um outro...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Exa. poderia citar alguns?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não sei precisar porque não trabalho com ele. Há clientes que são só de meu pai, como há clientes que são só meus. Meu pai também não saberia dizer sobre os casos dos meus clientes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não se recorda de nenhum caso em que seu pai atue como defensor, representante do Deputado?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sei que aqui em Brasília é ele quem atua.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu pai?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas que processos há aqui em Brasília?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Este, desta Comissão. Não sei se tem um processo...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu pai é o advogado que acompanha?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Sim. Não sei precisar outro caso. Desculpe-me.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Certo. Ao final, falou-se sobre o pedido de transferência do Sr. Nim de uma unidade de detenção para outra. V.Sa. poderia repetir: o pedido foi formal?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Não. Fiz um requerimento por escrito — requerimento que já encaminhei ao Sr. Relator — para que ele fosse ouvido e tivesse os benefícios da Lei de Proteção à Testemunha. Esse foi o pedido formal feito. Quanto ao pedido de transferência, foi feito pessoalmente com os procuradores.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Informalmente?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Informalmente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A quem?

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Ao Dr. Santoro e à Dra. Raquel Dodge, também Procuradora da República.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Dra. Raquel atua no Estado do Acre.

A SRA. NARA SCHIRMER DUARTE - Atua em Brasília e no Acre, nos casos de narcotráfico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Consulto se algum dos Srs. Parlamentares gostaria de ouvir a testemunha.

Estando todos satisfeitos, agradeço à Dra. Nara Schirmer Duarte a contribuição, ao mesmo tempo em que dispenso a testemunha.

Solicito à Secretaria que faça introduzir na sala o Dr. Adir de Souza Tolentino.

Enquanto a testemunha não chega, passarei a ler para os membros da Comissão os termos da diligência de ontem:

"O Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, em reunião ordinária realizada em 16 de abril de 2002, atendendo à solicitação do Sr. Relator, Deputado José Roberto Batochio, visando ao esclarecimento de dúvida a respeito da utilização de adesivo para designação "trânsito livre" por Parlamentares desta Casa, constituiu comissão formada por funcionários da Secretaria, José Batista Ferreira e Jacqueline Fernanda Rodrigues Fontineli, que percorreram os estacionamentos da Câmara dos Deputados, entre as 16 e 17 horas, encontrando os adesivos em tela nos seguintes veículos: vaga 646, carro Gol, placa JFX - 9699; vaga 454, carro



Celta, placa JFX - 1456; vaga 505, carro Tempra, placa KIB - 1966; vaga 517, carro Honda Civic, placa JGA - 5257; vaga 350, carro Santana, placa GYA - 5316; vaga 284, carro Santana, placa KHC - 4944."

Esses foram os veículos encontrados. A Presidência vai oficiar ao DETRAN de Brasília para saber a quem pertencem os veículos em tela, porque na Casa temos carros de Deputados e de assessores, apenas para complementar a diligência requerida pelo Deputado José Roberto Batochio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, poderia fazer uma sugestão?

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os números de vagas correspondem aos gabinetes dos Srs. Parlamentares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Desta forma podemos fazer a diligência interna, mas o importante é saber de quem são os carros. Na verdade, o que pretendia o Deputado José Roberto Batochio era saber se o uso das vagas era um uso exótico, individual ou se outras pessoas faziam os mesmos adesivos ou empregavam a mesma prática. De qualquer forma, isto nos ajudará a exemplificar.

Informo os Srs. Parlamentares, não apenas processualmente, sobre a questão da imunidade material. Ontem, na discussão, o Deputado José Roberto Batochio trouxe à colação o entendimento sobre a questão da imunidade Parlamentar e procurei buscar, no Supremo Tribunal Federal, a ementa da decisão do processo, que exatamente não tem conexão direta com a matéria, mas possui



notas importantes quanto ao conceito de imunidade material, e o respectivo entendimento do Supremo.

A testemunha chegou? Gostaria que a Secretaria trouxesse o termo de compromisso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sr. Presidente, penso que o requerimento da Deputada Vanessa Grazziotin se reveste de lógica, porque essas placas, pelas identificações alfanuméricas que V.Exa. declinou, não são de veículos licenciados em Brasília. As nossas placas começam com J. Portanto, pelas vagas dos gabinetes, podemos obter algumas informações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - O importante é esclarecer de onde são os carros. Caso persista essa situação, faremos alguma outra coisa.

Termo de compromisso:

"Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos à Representação nº 1.602, apresentada contra o Deputado José Aleksandro."

Sr. Adir de Souza Tolentino, V.Sa. é livre para assinar esse documento.

De posse desta Bíblia, quero presumir que serão prestadas declarações pertinentes à verdade. V.Sa. pode discorrer sobre todo e qualquer salmo, menos o 109.

Sr. Adir, apenas vou esclarecer qual é o procedimento da Casa em relação a V.Sa. Tramita nesta Comissão — razão de ser desta reunião no Conselho —



representação da Mesa da Casa contra o Deputado José Aleksandro. V.Sa. é testemunha de defesa. Presumo que conhece mais ou menos o contexto das acusações feitas pela Mesa. O Relator, Deputado José Roberto Batochio, vai dirigir-lhe algumas perguntas. Eu indago se V.Sa. gostaria de fazer alguma consideração inicial ou aguarda a inquirição do Deputado Batochio. Aguarda.

Nobre Deputado José Roberto Batochio, Relator, a palavra é de V.Exa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - O Deputado José Aleksandro está sendo aqui, digamos assim, acionado — esta seria a designação correta —, sob o argumento de que teria, em razão de condutas praticadas, quebrado o decoro Parlamentar. As acusações contra ele formalizadas são no sentido de que teria, de qualquer modo, participado da fuga do seu irmão, o Nim, das dependências do COE, que é um presídio que se encontra sob a administração da Polícia Militar do Estado do Acre, removido que fora para essas dependências da Papudinha, que é um outro estabelecimento prisional de administração federal. Ele teria sido transferido porque teria manifestado interesse em colaborar com a Justiça, eis que teria informações a prestar acerca de fatos delituosos sob investigação na territorialidade do Estado do Acre. Então, esta é a primeira investigação que se faz: a participação do Deputado José Aleksandro nessa fuga. E o segundo item da acusação é a eventual conduta dele em relação a políticos do Estado do Acre, no sentido de denegrir a imagem desses adversários políticos usando de linguagem compatível com o que se espera das manifestações de um Parlamentar. Então, eu pergunto, em primeiro lugar: o que V.Sa. pode nos informar acerca... o que V.Sa. sabe sobre a fuga de Nim, o irmão do Deputado José Aleksandro, nesta circunstância?



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Exmo. Sr. Deputado, eu tenho a maior satisfação de estar aqui para responder às perguntas que me forem formuladas e de me colocar à disposição para outras, posteriormente, se for necessário. E dizer que, com relação à fuga do Nim, eu não tenho informações acerca disto, a não ser as informações que são veiculadas nos meios de comunicação. Eu conheci o Deputado José Aleksandro no ano de 1998, apresentado por outro pastor, quando, no momento, ele estava pleiteando a sua pré-candidatura a Deputado Federal. E me pus à disposição. E trabalhamos ali em torno de... aproximadamente 58 pastores, e eu estive sempre à frente liderando as atividades. Esse é o conhecimento que eu tenho do Deputado José Aleksandro, acerca da sua vida. Não tenho outras informações acerca da fuga do Nim, a não ser as que são veiculadas nos meios de comunicação.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Pois não. E essas notícias veiculadas através dos meios de comunicação social falavam, de qualquer modo, sobre a eventual participação do Deputado José Aleksandro nesses fatos?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Sim, mais ou menos. Praticamente o jornal **Página 20** que falara, era mais insistente e incisivo em comunicar à comunidade, à população, sobre essa fuga. Agora, não que o Deputado tenha participado, mas havia aquelas insinuações de que estava no carro dele, essas coisas assim. Nada mais do que isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então, se bem compreendi, esse... Em primeiro lugar, quem é esse **Página 20**?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - **Página 20** é um jornal do Estado do Acre.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. E esse jornal, então, insistia em divulgar o quê?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Insistia em divulgar a fuga e qualquer coisa que viesse a denegrir a imagem do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas atrelava o Deputado ao fato da fuga, ou apenas insistia no aspecto em que o veículo... em que foi recapturado o Nim...

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Somente no aspecto em que o veículo em que o Nim estava era do Deputado. Não atrelava diretamente...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ao ato da fuga.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Ao ato da fuga, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. professa a mesma fé religiosa que o Deputado José Aleksandro?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não. Eu sou da Igreja Batista e ele é da Igreja Assembléia de Deus.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então vamos, dadas as atividades religiosas de V.Sa., se V.Sa. nos permitir, explorar um pouco essa questão do Salmo de Davi. Uma das imputações feitas ao Deputado José Aleksandro é de que ele teria utilizado, teria ameaçado o Governador com um Salmo de Davi. Então eu pergunto a V.Sa.: qual é o sentido que existe nisso? Quer dizer, em primeiro lugar, é possível alguém ameaçar alguém com a Bíblia, lendo um Salmo? Como é que funciona isso?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Excelência, é conhecido de todos que os evangélicos têm sempre cumprimentado os seus irmãos com uma parte da Bíblia,



citando alguns versículos da Bíblia. E também os cristãos têm se apropriado dela para, em momento de angústia, de sofrimento, fazerem uso dela, fazerem suas orações. O Salmo 109 é um salmo que tem algumas características interessantes. Se V.Exa. me permitir, eu gostaria de fazer a leitura de um versículo do Salmo 109, que apresenta justificativa plausível, do meu ponto de vista, sobre a questão da oração de Davi ali.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom, V.Sa. poderá ler, mas me esclareça isso em primeiro lugar. Alguém brandir o Salmo 109, que é o Salmo de Davi, contra alguém, isto está... o que significa? Qual sentido tem isso? Qual o significado?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - O Salmo 109 é um Salmo imprecatório, em que há 3 mil anos, no século X antes de Cristo, o Salmo de Davi... Ele fazia as suas orações, e nas suas orações ele estava pedindo a Deus que o ajudasse, que o auxiliasse no sofrimento dele, que lhe desse auxílio e que... Ele diz o seguinte: eu oro ao Senhor e vindico ao Senhor que me conceda a condenação dos meus inimigos. Então, ele estava ali desejoso que houvesse retribuição às assacadas que foram dadas a ele. Então, ele... em nenhum momento ele está ali dizendo que ele vai fazer. Ele diz: *"Eu peço ao Senhor que aja por mim"*. No versículo 21 é muito cabal essa expressão, quando ele diz assim: *"Não te cale, Senhor, mas age por mim, por amor ao Teu nome"*. Então, eu creio que esse salmo não é um salmo que está dizendo o que Davi vá fazer; ele está fazendo uma oração para que Deus aja por ele.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quer dizer, ele invoca, então... Se bem entendi, ele invoca a Deus como seu protetor, como seu vingador, como seu advogado, como seu protetor. Qual é o sentido disso?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Ele invoca Deus como seu advogado. Porque, na verdade, o Senhor Jesus Cristo é conhecido como o advogado dos santos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom ouvir isto aqui. Os advogados não gozam de muito prestígio (*risos*), mas fico muito confortado com esse sentido. Enfim, se V.Sa. gostaria de ler um trecho aí, fique à vontade.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Ele faz... Neste versículo aqui ele diz o seguinte: "*Em paga do meu amor, me hostilizam. Eu, porém, oro*". Aí que ele começa a falar...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eu, porém... Desculpe, eu não entendi.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - "*Eu, porém, oro*". Aí, ele começa a fazer a sua petição a Deus: "*...que suscita contra o meu inimigo ímpio a sua direita*". E assim por diante. No versículo 21 — também gostaria de referir este versículo: "*Mas tu, Senhor Deus, age por mim por amor ao teu nome; livra-me, porque grande é a Tua misericórdia*." Aqui ele está fazendo um pedido de misericórdia a Deus, que Deus agisse por ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas está um trecho aí nesses salmos: que a sua mulher fique viúva, que seus filhos fiquem órfãos, que os usuários ocupem a sua casa, que o seu emprego seja usurpado por terceiros etc. e tal. Qual é o sentido que existe nisso aí?



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - O sentido ali, Excelência, é o desejo mesmo do salmista de que Deus retribua aos seus inimigos...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - O mal que eles...

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Exato, retribua com aquilo que está dito nos salmos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. Com referência à atuação do Deputado José Aleksandro em Rio Branco, além de Deputado Federal, ele exerce outra atividade?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu não conheço outra atividade do Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Vou especificar: na televisão.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Sim, ele tem um programa. Eu tenho assistido ao programa "OX da Questão".

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ele é âncora? O que ele é nesse programa?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Nos domingos à noite ele é âncora.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Esse é um programa regular, de todos os domingos?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Todos os domingos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Periódico?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Periódico.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. E nesse programa ele aborda questões relativas à administração do Estado do Acre?



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Ele fala de... É muito diverso o tema do programa. Ele aborda vários assuntos com relação ao desenvolvimento do Estado, com relação às questões políticas, e, também, em todos os seus programas, ele finaliza com uma mensagem da palavra do Senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. assistiu a algum programa em que ele tenha defendido, digamos assim, pessoas ou atos que constituem crime? Enfim, elogiando a conduta de pessoas que se encontram presas lá em Rio Branco? O que V.Sa. pode dizer-nos sobre isso?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Excelência, infelizmente, a esse programa em particular eu não assisti, porque foi num dia em que eu fiquei até mais tarde na igreja e não tive condições de chegar a tempo para assistir. Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Mas ouviu falar dele?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Ouvi, ouvi falar.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o que V.Sa. ouviu falar?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu ouvi falar do que o Deputado tinha feito, que tinha apresentado um programa e, no programa, tinha feito apologia ao crime. Mas eu desconheço completamente o teor do programa. Não tive oportunidade de assistir.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Assistiu a alguns outros programas, entre os quais, ou, num dos quais, ele fala do Líder do Governo na Assembléia, o Deputado Edvaldo?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não, não assisti.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Também não assistiu.

Soube se ele fez considerações ofensivas sobre esse Deputado Estadual?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu fiquei sabendo também através de jornais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o que V.Sa. ficou sabendo?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu fiquei sabendo através de jornais de que ele tinha feito declarações ofensivas ao Deputado Edvaldo Magalhães. Mas também foram informações de jornais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não sabe quais as ofensas?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não, porque eu não tive oportunidade de ler o conteúdo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E quanto ao Governador do Estado do Acre, Jorge Viana? Ele teria feito considerações a respeito da pessoa do Governador nesses programas?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Que eu saiba, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. deve ter ouvido falar de que houve um problema de narcotráfico no Estado do Acre.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o Deputado José Aleksandro estava envolvido nesses fatos?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Excelência, eu tenho acompanhado a casa do Deputado quase que periodicamente e eu desconheço qualquer atividade



do Deputado que denigra sua imagem com relação a qualquer participação nesse tipo de coisa. Ao contrário, tenho ouvido insistentemente o combate que ele tem feito nos seus programas contra as drogas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não obstante, há pessoas de lá que querem relacioná-lo com este episódio. V.Sa. saberia explicar por quê?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu creio que o Deputado, quando ele assumiu... Eu não gostaria de entrar nesse detalhe, mas, quando o Governador assumiu, ele fez algumas críticas ao plano de governo, e, a partir daí, houve uma perseguição ferrenha contra o Deputado. Eu creio que seja por isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E com referência à vida do Deputado? Como é que o Deputado se comporta lá no Acre? Quais são os costumes dele, qual é o comportamento social dele?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - O Deputado, na comunidade, socialmente, ele é muito bem aceito e muito bem relacionado com os seus pares, os seus amigos, as pessoas que freqüentam a sua casa e fora da freqüência da casa dele. Agora, eu tenho observado que ele tem se portado quase que no ostracismo. Ele é muito da casa dele, muito do gabinete dele. Não tenho visto o Deputado em outras atividades, em festas, por exemplo, em situações que pudessem desagregá-lo do comportamento... como cristão, como cidadão comum à sociedade.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ele é um homem religioso e, portanto, tem uma vida mais ou menos reclusa, mais ou menos restrita. É isso?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Verdade, é isso aí.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Agora, existe uma guerra política lá no Acre entre, digamos assim, a facção do Deputado José Aleksandro e o Governo. Ou não?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - É verdade. Existe uma guerra política; não é somente com o Deputado. Existem dois grupos, um chamado MDA, outro FPA, e esses grupos se digladiam constantemente, veementemente, quase que todos os dias.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E trocam, digamos assim, acusações recíprocas, essas coisas.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Existem acusações recíprocas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Muito bem. Estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Concedo a palavra ao Deputado José Aleksandro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Sr. Presidente, eu queria perguntar à testemunha, o Pastor Adir, queria que ele fizesse um pequeno relato aqui — em rápidas palavras, Pastor Adir — da campanha de 1998 para Deputado Federal. Qual foi a sua participação na minha campanha?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Excelência, eu participei ativamente, como é do conhecimento de V.Exa., da sua campanha, em todos os setores. Estive presente em todas as cidades que V.Exa. percorreu. Eu creio... Não querendo subestimar os meus colegas, mas eu estava sempre à frente. Na ala evangélica, eu era praticamente um líder que estava dirigindo todas as atividades. Inclusive as reuniões, as aberturas de reuniões sempre eram feitas por mim; os encerramentos



também eram feitos por mim. Nós viajamos. Por todas as cidades do Estado do Acre eu estive acompanhando o Deputado. A partir daí, se formou um vínculo de amizade, no qual nós estivemos trabalhando na empreitada da campanha para Deputado Federal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Esse trabalho era feito com quem, com que tipo de segmento?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Dentro das igrejas evangélicas.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Quantos pastores trabalhavam conosco?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Cinquenta e oito pastores estiveram presentes comigo nas reuniões, e com V.Exa..

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Em algum momento da campanha, Pastor Adir, a testemunha... lembra de alguma participação de alguém ligado a narcotráfico, a grupo de extermínio na minha campanha?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Deputado, seria leviano da minha parte dizer que sim. Nunca vi sequer alguém comentar algo desse tipo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Pastor Adir, V.Sa. é funcionário meu, participa do meu gabinete, foi alguma vez contratado por mim?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - É. Uma das queixas que tenho contra V.Exa. é exatamente por que nunca fui contratado por V.Exa. (*Risos.*)

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Estou satisfeito com a resposta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Eu vou, fugindo um pouco ao meu hábito, interferir um pouquinho. Vou fazer uma pergunta ao Pastor, porque... Se dá, nesse Conselho, uma dimensão política a um salmo. Tratamos de



duas coisas bastante complicadas, que são, pela ordem, religião e política. O Salmo 109 já entrou na minha vida pela repetição em tantas audiências. A rubrica — eu não sou evangélico, mas tenho respeito profundo — é: imprecações contra os inimigos. Esse é o começo do Salmo 109, é o título: "Imprecações contra os inimigos", donde se vê que não é, digamos assim, um salmo neutro. Davi impreca contra seus inimigos. A testemunha, é extremamente oportuno ouvi-la, porque pastor e inclusive de outra igreja, como acabou de declarar. Tem essa aspiração frustrada de trabalhar com o Deputado José Aleksandro. Mas vai daqui um testemunho não trabalhista e sim religioso. Eu vou ler para os senhores, e peço que prestem um pouquinho de atenção, um trechinho do salmo, que diz assim: *"Quando o julgarem, seja condenado; e tida como pecado a sua oração. Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo. Fiquem órfãos os seus filhos, e viúva a sua esposa. Andem errantes os seus filhos, e mendiguem; e sejam expulsos das ruínas de suas casas. De tudo o que tem lance mão o usuário; do fruto do seu trabalho esbulhem-no os estranhos. Ninguém tenha misericórdia dele, nem haja quem se compadeça dos seus órfãos"*, etc., etc., etc. É, na minha visão de leigo, uma praga demolidora; é um chamamento do Senhor para perder a mulher, morrer, ficar órfão, sem emprego. Só não diz perder eleição porque, há mil anos antes de Cristo, isso não estava inserido. Mas o contexto era claramente esse. Blague à parte, o que eu quero perguntar ao Pastor — o Pastor é pastor e é também político, dado que se declarou engajado numa campanha eleitoral — é: a menção deste Salmo numa igreja ou num palanque, ou em qualquer lugar, pode ser entendida como uma ameaça? Essa é a pergunta.



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não. Não pode ser entendida como uma ameaça, visto que o Salmo não está contido apenas nesse trecho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Pode desdobrar, Pastor.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Sim. Eu dividi o Salmo, se observarmos, em três partes, em três fases. Na primeira fase do Salmo existe aqui o salmista Davi fazendo um apelo, pedindo a Deus: "Não Te cales". Em uma declaração severa, o escritor faz o seu apelo e imediatamente começa a enunciar sua queixa. Seus inimigos estiveram loquazes, enquanto Deus esteve silente. E aí ele faz um apelo, pedindo a ajuda de Deus. No segundo ponto, ele faz um pedido de retribuição onde está inserida essa parte que V.Exa. leu. Ele diz: "Seja condenado". O salmista imagina, no meu ponto de vista, um tribunal no qual um homem ímpio está para ser julgado. O orador apresenta os detalhes da sentença que o acusado merece. E, no terceiro ponto, ele faz uma oração, pedindo a Deus livramento para si: "mas Tu, Senhor, age por mim, por amor do Teu nome". O salmista ora, pedindo a Deus que tenha misericórdia dele em sua condição angustiosa e necessitada, e que o vingue, para que seus inimigos percebam que a mão de Deus o livrou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Vamos ver se eu entendi. No Salmo, de uma certa forma, Davi reclama da passividade de Deus até então, e pede que ele se engaje nesse processo. Em linguagem contemporânea: faça justiça, penalizando os adversários de Davi. E, no fim, pede clemência para ele próprio, Davi, por haver, digamos assim... ter sido constrangido a pedir essas coisas, em razão de um momentâneo distanciamento de Deus. É essa uma exegese, perdoem aqui, de leigo. Mas seria essa?



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Exato. Ele pede que Deus assuma a sua causa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Eu insisti na explicação dessa coisa, porque a resposta objetiva o Pastor já deu. No entendimento dele, não pode nem deve constituir uma ameaça. Digamos assim: seria muito mais um desabafo, ou algo semelhante, do Deputado José Aleksandro. Agora eu estou no plano terrestre.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Até porque, Excelência, não é somente esse Salmo que é imprecatório. Existem outros de Davi também que são imprecatórios.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Mas esse Salmo 109 é o que está nas acusações; por isso nós ficamos circunscritos a esse, e ousando inclusive esse trabalho de exegese, porque o Salmo é sobremaneira interessante. Em Alagoas eu vou adotá-lo em algumas passagens, para com os ímpios. Gostei muito!

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Exa. corre o risco de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - De ser processado. Eu já sei disso. No passado também tive algumas condutas aqui em relação a alguns, mas muito mais contundentes.

O SR. DEPUTADO VICENTE ARRUDA - Outro processo baseado no Salmo 109 nós não agüentamos!

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Pastor, agora uma pergunta que eu acho... só complementando algo que o Deputado Batochio já colocou. Da sua leitura política — agora não religiosa, política — desse incidente



todo, como V.Sa. vê essa peleja? Intervenção divina à parte, Davi à parte, a Bíblia à parte, politicamente, como é que V.Sa. explica todos esses episódios que parecem envolver o Deputado José Aleksandro? A que V.Sa. atribui esses episódios? Como é que isso veio bater na Câmara dos Deputados, na sua visão?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu volto a reafirmar, Excelência, que vejo eu como perseguição política. Acredito que algumas coisas que o Deputado tenha dito tenha-o feito contra o Governo do Estado. Ele tem sido corriqueiramente perseguido pelas pressões políticas do Estado do Acre. Então, eu penso que é isso. Não tenho outra informação a acrescentar a não ser essa situação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Estou satisfeito. Eu concedo a palavra à primeira Deputada inscrita, Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Adir, V.Sa. relatou aí que um dos jornais do Estado do Acre que mais se preocupou em divulgar o fato da fuga do Sr. Nim foi o jornal **Página 20**. E V.Sa. falou de forma... textualmente, que o jornal seria de um desafeto do Deputado Federal Aleksandro e que era um jornal bancado, ou, que é um jornal bancado pelo Governo do Estado do Acre. V.Sa. poderia declinar o nome dos proprietários desse jornal?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu não conheço o dono do jornal. Eu digo bancado no sentido de que é ele o jornal que mais divulga os trabalhos do Governo; e, automaticamente, é o que mais tem assacado contra o Deputado. Não tenho conhecimento de...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não sabe o nome dos proprietários do jornal?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não conheço, não, senhora.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O **Página 20** é um jornal antigo ou um jornal novo?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu não sei dar essa informação porque moro no Acre há dez anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E há dez anos existe esse jornal **Página 20**?!

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não tenho certeza se há dez anos, mas ele já existe, quero crer, há mais de quatro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há mais de quatro anos?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - É, não sei precisar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E V.Sa. teria alguma prova ou alguma indicação para apresentar a este Conselho que explicasse melhor de que forma o Governo banca o jornal?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - O sentido "banciar o jornal" é questão de prestar informações, prestar serviços.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que V.Sa. entende por bancar, então? Vamos chegar a um consenso sobre a expressão que V.Sa. utilizou: "O Governo banca o jornal". O que V.Sa. entende por bancar o jornal?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Quando ele presta serviços ao jornal, ele, de certa forma, está bancando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como assim? O Governo presta serviços ao jornal, ou o jornal presta serviços ao Governo?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - O jornal presta serviço ao Governo.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o Governo paga ao jornal.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu creio que sim, porque ele tem verbas para isso — eu acredito.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Por isso ele seria o jornal que mais se preocupa em falar dos opositores do Governador?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu não poderia precisar se é com o que ele mais se preocupa. Mas foi o que mais li. Foi isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. disse que ouviu também pela imprensa sobre as declarações ofensivas que o Deputado José Aleksandro tinha feito em relação ao Deputado Estadual, Líder do Governador Jorge Viana na Assembléia Legislativa. V.Sa. saberia dizer que declarações ofensivas teriam sido essas?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Quando eu ouvi, Excelência, eu ouvi já a refutação do Deputado Edvaldo Magalhães com relação ao que tinha sido dito pelo Deputado. Eu não ouvi o que o Deputado falou. Eu ouvi porque...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas de que forma o Deputado teria ofendido um outro Deputado Estadual?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não, eu não sei de que forma ele ofendeu; eu sei a refutação, o revide que o Deputado Edvaldo Magalhães fez.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o revide tratava de quê?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Dizendo que tinham desrespeitado a família dele, que tinham desrespeitado a ele. Foi o que ouvi.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. conhece o Deputado Edvaldo Magalhães?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Conheço. Ele foi Presidente do Sindicato no qual eu trabalho também, na educação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Educação. E V.Sa. saberia dizer o que comentam a respeito desse Deputado no Estado do Acre?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não, não saberia dizer o que comentam, porque o relacionamento que eu tive com ele foi quando ele era Presidente do Sindicato. E a gente tinha um relacionamento assim: ele como Presidente e eu funcionário. A gente não tinha, assim, amizade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas V.Sa. já ouviu falar sobre o possível envolvimento de droga desse Deputado Estadual?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Não ouvi, senhora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca ouviu falar. V.Sa. faz parte do círculo familiar, ou o freqüenta, do Deputado José Aleksandro?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu freqüento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Freqüenta. E V.Sa. tinha ou tem conhecimento de que o Deputado é proprietário de uma chácara no Município de Senador Guiomar?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Tinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. conhece a chácara?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. já visitou?



O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Já estive lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Poderia lembrar quando foi a primeira vez em que V.Sa. esteve lá — o ano, obviamente; a data não. Tem muito tempo? Pouco tempo?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu não poderia lembrar assim, mas acredito que foi meados ou final de 99.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E, se V.Sa. esteve lá... A família costuma ir também? A família do Deputado José Aleksandro frequenta muito esta chácara.

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Quando eu estive lá — eu estive lá acho que foram duas ou três vezes —, a família não estava.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. foi com o Deputado?

O SR. ADIR DE SOUZA TOLENTINO - Eu fui com o Deputado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Está bem. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Concedo a palavra ao Deputado Lincoln Portela.

O SR. DEPUTADO LINCOLN PORTELA - Sr. Presidente, eu sou Parlamentar. Fui Secretário Municipal Adjunto de Esportes, faço televisão em quatro canais aqui no Brasil, sou radialista, e também trabalho informalmente com um jornal em Belo Horizonte. Tenho uma boa relação com ele. Vez por outra escrevo. Sei como a mídia funciona, e muito bem. Eu sei o que faz as rotativas imprimirem, eu sei qual é o combustível delas na maior parte do nosso Brasil. Eu sei o que faz a televisão dar lucro, o que faz as rádios darem lucro. Não posso generalizar, mas



lamento profundamente ver que, infelizmente, emissoras são compradas em muitas circunstâncias. E eu lamento profundamente isso — apenas externando esse pensamento. Agora, levando para o Salmo 109, além dessas coisas que faço, sou conferencista, sou pastor batista há 28 anos. Sou formado pelo IBID, hoje FATEID — Faculdade Teológica Evangélica da Igreja de Deus, aqui em Goiás. Desculpem eu falar desta maneira, mas sou **honoris causa** em Teologia e lamento profundamente que se use a Bíblia Sagrada desta maneira, porque... Foi muito feliz o Presidente, Deputado Thomaz Nonô quando falou sobre se esse Salmo é usado nas igrejas. É, sim. Em todos os cultos. São 150 salmos. As Igrejas Evangélicas geralmente começam com salmos. E essa linguagem... Tem inclusive outro pastor presente, chegando aqui. Essa linguagem como, por exemplo, "*persegui os inimigos e os alcancei, os consumi e os reduzi a pó*", isso é música na Igreja Evangélica. Essas coisas são inclusive musicadas. Há uma forma de expressão, e a maneira de interpretarmos hermeneuticamente esses salmos dentro das Igrejas Evangélicas é bem diferente da que como se interpreta lá fora. Então, nós usamos esse tipo de conotação. E temos percebido que, quando às vezes salmos que têm esse tipo de conotação surgem, em momento algum dentro das Igrejas Evangélicas ou fora delas eu tenha tido conhecimento de algum evangélico professo... Claro que em todos os lugares existem pessoas que são boas e que são más. Judas andava com Jesus. Isso é muito relativo. Mas eu não vejo as pessoas usarem esses salmos para ameaçarem de morte as pessoas. É uma linguagem, é uma figura. O que diríamos hoje, na nossa maneira informal de tratarmos hoje, é o dia-a-dia, maneira nossa de tratar. Então, essa é uma linguagem normal nas igrejas, inteiramente normal, sendo que as igrejas evangélicas propagam, na realidade, o amor de Deus, o amor ao



próximo. E nós temos entendido, e nós sabemos separar muito bem nas igrejas, quando nós dizemos o seguinte: os seres humanos não são nossos inimigos; os nossos inimigos, ou o nosso inimigo, é o mal que está dentro dos seres humanos. Então, há uma força de expressão, usando a palavra de hoje, quando nós usamos esses salmos para dizer o seguinte: o inimigo é aquele que está no ser humano. Então, se referindo, por exemplo... Eu não gostaria de mistificar as coisas. Mas, se referindo por exemplo ao adversário primaz de Jesus Cristo, então ele é quem está dentro das pessoas — e nós desejamos a destruição desse inimigo. Há também essa outra conotação. Em hipótese alguma consigo entender que o Salmo 109 seja um salmo para uma ameaça de morte do Deputado José Aleksandro em relação a esse Governador. Quero terminar, lamentando profundamente. Eu tenho visto aqui a postura — tem até alguém do Partido dos Trabalhadores aqui, que é o Deputado, Governador Waldir Pires, homem íntegro e reto; e as suas colocações aqui dentro deste plenário, aqui no Conselho de Ética, para mim, a cada dia... Ele me surpreende com a sua maneira imparcial. Agora, é ruim falar para partidos. Eu lamento profundamente que o Deputado José Aleksandro esteja aqui. Quem sabe, um dia eu vou até conversar com alguém do Partido dos Trabalhadores que trabalhe nessa área. Por que não levar o Governador Jorge Viana ao Conselho de Ética do Partido dos Trabalhadores? Porque esse sim, na minha avaliação, não dignifica esse partido, que tanto tem trabalhado aqui nesta Casa. Para completar, para terminar, eu gostaria, por falar em salmos, que nós, ao fim de todos esses trabalhos aqui nesta Casa, pudéssemos, aqui no Conselho de Ética, sim, repetir não o Salmo 109, mas o Salmo 126: *"Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham. Então, a nossa boca se encheu de riso, e nossa*



língua, de cânticos; então, se dizia entre as nações: Grandes coisas fez o Senhor a estes. " Com efeito, grandes coisas fez o Senhor por nós. Por isso, estamos alegres. Faz-nos regressar outra vez, Senhor, como as correntes do Negueve. Aqueles que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão; e aquele que leva a preciosa semente voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus feixes. Que possamos terminar um dia ainda esse Conselho de Ética na alegria de vermos nosso Deputado José Aleksandro na liberdade de poder ir e vir, com menos acusações e com uma vida parlamentar próspera, para o bem do nosso Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Não há questões, não há perguntas, mas a Presidência registra e ficará nos autos desta Comissão a intervenção do Deputado Lincoln Portela. Indago se mais algum Deputado deseja fazer uso da palavra. Deputado Waldir Pires.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Sr. Presidente, eu gostaria de lembrar aqui que nós estamos aqui cumprindo o nosso dever, nós todos, e, conseqüentemente, de dizermos da nossa impressão e da nossa definição, num Conselho de Ética, que esse é o dever que nos cumpre. Nós não estamos aqui a fazer apreciações sobre o Governador do Acre. Eu tenho a respeito do Governador Jorge Viana uma impressão pessoal muito lisonjeira. Eu tenho a convicção de que ele é um homem de bem e que enfrenta uma realidade no Acre que tem sido, ao longo do tempo, uma realidade muito difícil; do quadro social, do quadro político de desentendimentos, de crimes, de prática política que não tem sido correta. Mas aqui nós não estamos a julgar o Governador Jorge Viana ou para mencionar, digamos assim, conceitos a respeito dele. Eu menciono apenas meu apreço pelo Governador Jorge Viana. E que a decisão nossa, a minha, é cumprir meu dever como membro



do Conselho de Ética; Conselho de Ética que, creio, deve prestar um serviço sobretudo pela dignidade com que exerça o seu mister e exerça suas competências.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - A Presidência recolhe também a consideração de V.Exa. e indaga se algum Deputado deseja inquirir a testemunha. Sr. Relator.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Uma observação apenas, Sr. Presidente. Todas as manifestações aqui vertidas pelos membros deste Conselho são preciosas e dão uma larga contribuição à formação do nosso entendimento, à formação da nossa convicção. Mas, sem quebra de respeito em relação a manifestações que aqui aconteceram, a mim parece que nós temos que esperar o encerramento da instrução para que possamos lançar qualquer juízo de valor acerca da procedência ou improcedência da imputação que se faz. O juiz não se deve manifestar nem antes nem depois, mas no preciso momento de lançar sua sentença. É claro que nós temos que ter todo respeito às pessoas que aqui se manifestam num ou noutro sentido. Mas eu não sei se externamente isso seria bem compreendido. É aquela velha história: de que nós temos que preservar a imagem do Conselho de Ética. Tenho procurado aqui, nas minhas manifestações, recolher-me a essa postura. Eu gostaria de, com o máximo respeito, pedir aos nobres membros do Conselho que observassem essa práxis, sem quebra de respeito, porque às vezes nós podemos... Principalmente, o que se manifesta pode ser mal interpretado: "Olhe, não esperou a prova para decidir". Essa coisa. Sempre com grande respeito e com fraterna consideração é que eu faço essa observação.



O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - A Presidência subscreve integralmente as judiciosas considerações do Relator, mas cada um aqui é senhor...

O SR. DEPUTADO JOSUÉ BENGTON - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - V.Exa. terá a palavra. A Presidência também reconhece que cada um de nós... É a diferença de um tribunal parlamentar. Cada um de nós diz o que quer, é inviolável, e arca, evidentemente, com as conseqüências públicas dos seus atos. Mas acho, de qualquer forma, uma observação prudente, no mínimo prudente, com a qual se associa inteiramente a Presidência — a manifestação do Deputado José Roberto Batochio. Eu gostaria de dizer também que são importantes as considerações que foram feitas hoje tanto pelo Deputado Lincoln Portela como pelo Deputado Waldir Pires, porque trazem elementos à reflexão. Este é um processo, mais do que qualquer outro, profundamente reflexivo. Temos que meditar sobre essas coisas todas. O Deputado Lincoln Portela trouxe, com a erudição de que faz uso freqüentemente na tribuna da Casa, uma reflexão bíblica, trouxe a contribuição de um novo salmo. Evidentemente, manifestou o seu apreço e a sua tendência de seguir a orientação do Deputado Waldir Pires, evidentemente, com alguma restrição, depois da intervenção do Deputado Waldir Pires. Mas todas foram extremamente importantes para o que aqui estamos discutindo. Tem V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSUÉ BENGTON - Sr. Presidente, eu não faço parte da Comissão, mas, pelo respeito que tenho aos membros da mesma e principalmente pela apreciação ao nosso Relator, Deputado Batochio, que é um professor, uma pessoa que é da área, conhece a área jurídica... Eu tenho estado



nesta Comissão para aprender, para ouvir, com a sua serenidade, com a sua sapiência, a maneira como ele conduz as perguntas. E quero dizer ao Deputado Batochio que, salvo engano, a maioria dos Deputados aqui não são advogados, não são bacharéis. Então, existe essa facilidade de emitir um julgamento precipitado — o que não é correto. Mas a minha presença aqui exatamente é para ouvir e tirar as minhas conclusões. E quero fazer, Sr. Presidente, não sendo membro da Comissão, mas emitindo a minha opinião... O livro sagrado dos cristão, que é a Bíblia Sagrada, como existem outros livros sagrados para outras religiões... A Bíblia Sagrada é um livro de bênçãos e não de maldição. Entre os evangélicos — e eu nasci num berço evangélico — existe um costume, até quando se manda uma carta para um parente, um amigo, de citar um versículo bíblico: o Salmo 23, "*O Senhor é o meu Pastor: nada me faltará*"; "*Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam*"; "*Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela*". Então, há esse costume, sempre observando-se o lado abençoador. Eu não conversei com o Deputado Aleksandro, conheço-o há pouco tempo. Não posso de maneira alguma conceber a idéia de que um cristão use um versículo da Bíblia, o dedique a quem quer que seja, o versículo da Bíblia, pensando no mal do seu irmão. Aqui não é caso de emitir opinião; é aquilo que o cristianismo vive. Ora, se o Cristo disse "*Amai os vossos inimigos*"... Na lei estava escrito "*Ama o que te ama e odeia o teu inimigo*" — olho por olho, dente por dente; dedo por dedo, pé por pé; unha por unha... Era a lei. O Novo Mandamento é o mandamento do amor. Se alguém bater em sua face direita, ofereça a outra. Se alguém quiser fazer você caminhar uma milha, vai com ele duas. Se alguém tirar sua capa, dê também o paletó. É o Novo Mandamento. Eu não posso admitir, entender, de maneira alguma, que nenhum cristão — seria



heresia, seria blasfêmia, seria inconcebível —, que algum cristão dedique um versículo da Bíblia para quem quer que seja como que rogando pragas e maldições. Aquilo o cristianismo não ensina, aquilo o cristão não pratica.

No mais, eu acho até muito bom, porque hoje a Bíblia está sendo debatida nesta sessão por pessoas que conhecem ou não conhecem a Bíblia. Mas, volto a repetir, estou feliz por estar aqui ouvindo do meu Prof. Batochio, o Deputado Batochio, a quem eu respeito muito. Antes de conhecê-lo pessoalmente, já o conhecia de nome por um amigo comum nosso, o querido Mauro Damage. E vou continuar aqui até o final dessas sessões, porque eu estou saindo daqui enriquecido com aquilo que estou aprendendo com o Presidente, o Relator, o ilustre Deputado Waldir Pires, por quem tenho uma apreciação muito grande. Conheço-o desde quando morei na Bahia, nos anos 69, 70. Quero apenas manifestar minha satisfação em estar aqui e ouvir o debate claro, transparente e democrático desta Comissão. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - A Mesa recolhe o depoimento do Deputado Josué Bengtson, a quem recordo presidindo recente sessão solene em homenagem à Igreja Quadrangular. Temos então, aqui, batistas, Assembléia de Deus, Quadrangular, católicos e hereges de todos os títulos, em vias de conversão, pela ênfase no tratamento bíblico, talvez por osmose.

Indago se algum Sr. Parlamentar ainda quer fazer perguntas à testemunha.
(Pausa.)

Não havendo, cumprimento a testemunha, agradeço o trabalho cívico de comparecer à nossa Comissão e dispense V.Sa., com os agradecimentos da Mesa.

Peço à Secretaria que faça introduzir a testemunha Francisco Sandro Alves



da Silva. E a Presidência esclarece que a testemunha Francisco Sandro Alves da Silva é irmão do Deputado José Aleksandro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sr. Presidente, comunico à Presidência e ao nobre Conselho que fui ao plenário para dar minha presença, e voltei. Nós estamos em processo de votação ainda. De modo que reina a tranqüilidade e a serenidade no Conselho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Vamos ouvir a testemunha Francisco Sandro Alves da Silva, e à tarde ouviremos os dois últimos senhores arrolados como testemunhas de defesa do Deputado José Aleksandro. Sr. Francisco Sandro Alves da Silva, V.Sa. está aqui para dar um depoimento ao Conselho de Ética sobre alguns fatos que lhe serão perguntados pelo Relator, Deputado José Roberto Batochio, em seguida pelos Deputados. Esses fatos dizem respeito a representação oferecida pela Mesa da Câmara contra seu irmão, Deputado José Aleksandro. Sendo V.Sa. irmão do representado, V.Sa. está dispensado da prestação do compromisso, embora façamos aqui uma exortação para que V.Sa. diga a verdade, somente a verdade, sobre tudo aquilo que lhe for perguntado.

Deputado José Aleksandro, então tem V.Exa...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Sr. Presidente, quero apresentar uma questão, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Só explicar para o Presidente, para o Relator e para os Deputados aqui presentes que o meu irmão Francisco



Sandro, o Budu, tem um problema de gagueira. Ele é meio gago. Só explicar essa questão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Não se preocupe, temos líderes nesta Casa que têm o mesmo problema e trabalham muito bem. Fique V.Exa. tranqüilo quanto a isso. Nós teremos todo o tato no trato da questão. O importante é que o raciocínio seja retilíneo. Se a voz não for, a gente conserta.

Deputado José Roberto Batochio, tem V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Em primeiro lugar, quero dizer à testemunha que este Conselho prima por respeitar ao máximo as pessoas que aqui comparecem para depor, as pessoas que aqui comparecem para exercer seu ofício, e as pessoas que aqui comparecem como acusados, como imputados. Essa é uma norma que observamos, menos por imperativo legal e mais por harmonia com as conquistas modernas da sociedade civilizada, que repudia a truculência, que afasta, digamos assim, a arbitrariedade e que procura observar os postulados de respeito à dignidade da pessoa humana como uma das maiores conquistas da humanidade nos tempos modernos. De modo que V.Sa. está prestando depoimento em absoluta tranqüilidade. Ninguém tem outra intenção senão ouvir de V.Sa. informações que V.Sa. possa trazer aqui para nós, para que nós possamos esclarecer a verdade. Portanto, fique à vontade, pode responder calmamente.

Bem, eu queria perguntar a V.Sa. como é que foi — vou começar pelo fim — como é que foi a recaptura, quer dizer, a prisão do Nim lá na Tucandeira? V.Sa. estava lá, não é?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fomos juntos, nós.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Pois é. Lá na Tucandeira.

Então, já estamos na Tucandeira.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Certo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Barreira policial. O que é que aconteceu naquele momento?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Parei lá. Mandaram parar, eu encostei o carro. Pediram para eu descer. Deram-me a voz de prisão, descemos do carro e eles me perguntaram: "Quem é o Nim". Eu disse: É esse aqui que é o Nim. Aí prenderam eu — fui (*Ininteligível.*) detido —, ele também, e de lá nós fomos recambiados para trás. Lá só aconteceu isso, lá na Tucandeira.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sim. E que horas eram quando aconteceu isso? Lembra mais ou menos?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Mais ou menos eram 11 horas da manhã.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Onze horas da manhã.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Da manhã, sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quantos quilômetros tem da Tucandeira até Rio Branco?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Mais ou menos uns 100 quilômetros.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Cem quilômetros.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É essa a faixa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E V.Sa. era quem estava dirigindo a caminhonete?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Era sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quem mais estava no interior da caminhonete junto com Nim e V.Sa?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estávamos eu, Márcia, minha mulher, e só.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não havia a Solange também?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Rosângela, pois é.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Rosângela?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Minha mulher.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Rosângela, Márcia ...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - E o Nim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Nim e V.Sa? Muito bem. Aí, então, a barreira parou a caminhonete e falou: "Quem é o Nim aí?" Ou alguém veio lá dizendo: "Mas você é o Nim?"

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Falaram, disseram: "Quem é o Nim?" Eu disse: É ele aí, o rapaz.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Esse aqui é o Nim?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É o Nim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Está fugindo, ou alguma coisa assim?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, perguntaram. Eles, na realidade, sabiam já que... participaram para ele lá, acho que ligaram, fizeram alguma coisa.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. Aí, todo o mundo para a polícia!

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Todo o mundo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Agora vamos voltar um pouquinho antes. De onde é que vocês saíram com a caminhonete para ir até a Tucandeira?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - De onde?

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É, da casa de quem?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Pedi essa caminhonete desse meu irmão. Aí ele disse: "Olhe, fale com o Dr. Ricardo, que eu vou falar com ele; aí você pegue com ele, para eu ir para Fortaleza do Abunã". Era feriado, ainda era para eu ir para Fortaleza do Abunã. Aí, Carlinhos liberou, deu-me até óleo, que a caminhonete estava sem óleo, que eu tenho lá só coisa, caçamba; ainda não tenho condição de ter carro pequeno. Aí foi, me deu. De manhã, não é? Fui para casa, arrumei minha roupa, mais minha mulher. Aí nós seguimos para ir para Fortaleza do Abunã. Quando eu vou para cá de Corrente, ele liga, o Nim me liga: "Olhe..."

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Nim ligou para o seu celular?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, o Nim. E disse: "Olhe, estou aqui, fugi assim, assim". Aí eu disse: "Onde você está?" Ele disse: "Olhe, estou aqui perto desse posto". Aí fui. Só fiz a volta, nem a Márcia e a Rosângela sabiam. Só fiz a volta e fui... "Já estou aqui perto desse posto". Virei, fiz a volta e fui para lá. Quando a gente chegou, ele já estava lá, tipo assim, num canto reservado,



escondido. Quando passei lá, pulou dentro do carro. Passei lá na coisa que tinha, lá na Márcia, peguei ela, e continuei a minha viagem.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Márcia, a mulher dele?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É. Passei lá na casa dela, continuei minha viagem.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então, V.Sa. não sabia, antes de receber esse telefonema, que o Nim tinha fugido?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, Excelência.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não sabia, não.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, sabia não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele disse a V.Sa. por que resolveu fugir?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Ele disse no carro que estava sendo ameaçado lá dentro. Por quê? Porque tinham comprovado que tinham matado um PM. Aí ele disse: "Ó, Budu, todo dia lá é assim rapaz, ameaça assim, assim". Dentro do carro, ele me disse. "Aí, é por isso que resolvi fugir hoje", porque deu uma chance lá, aí foi. Fugiu por causa disso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele disse se alguém o ajudou a fugir?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, Excelência.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Não falou?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não falou, não. Ele disse que estava... não é fácil, por isso é que ele saiu.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele disse então que fugiu porque estava com medo de ser morto, estava sendo ameaçado?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi isso, isso mesmo que ele me disse.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele disse como é que ele fugiu? Ele saiu pela porta? Pulou o muro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Pulou o muro. Pulou o muro, aí passou acho que uma mototáxi, passou, aí pegou, levou ele para junto desse posto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Agora, ele explicou se a mototáxi passou ali por coincidência ou ele...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não falou, não, Excelência.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - V.Sa. sabe quem era o dono dessa moto?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sei não, porque lá têm muitas motos. Aí eu não sei qual.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Então, V.Sa. ficou surpreso quando ele lhe telefonou?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fiquei. Fiquei até nervoso. As mulheres ficaram todas nervosas. A minha mulher ficou nervosa. Quando cheguei lá para ir pegar a Márcia, mulher dele, ela ficou muito nervosa também. "Mas o que está acontecendo?" "Rapaz, Nim fugiu nesse instante. E ele ligou para mim e eu fui buscá-lo."



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É verdade que a família tinha, quando ele foi condenado, ele estava foragido, a família entregou ele, fez ele se entregar para a polícia?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Quando?

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Antes de ele ser preso, quando ele foi condenado.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Quando ele foi condenado foi da outra vez.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - É, isso.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, Aleksandro foi com o Dr. Heitor para devolvê-lo para lá.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Para apresentá-lo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sim, para apresentá-lo, para ser preso de novo. Meu irmão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ele, Deputado Aleksandro, entregou-o.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sim. Da outra vez foi, entregou-o para a Justiça. Todos os dois.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Posso fazer-lhe uma pergunta?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Pode.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E por que V.Sa. não o reapresentou quando ele fugiu aquele dia?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Porque na hora fiquei nervoso, eu não sei.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ou V.Sa. ficou com medo de que ele fosse morto mesmo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Também.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Certo. Bom, deixa ver se eu entendi bem. Naquele dia era 12 de outubro, V.Sa. se lembra? Era o dia 12 de outubro quando aconteceu a fuga dele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Parece que era.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Era, era. V.Sa. lembra mais ou menos a que horas recebeu o telefonema do celular dele, dizendo: "Olhe, fugi e tal. Estou aqui no posto tal". Mais ou menos, lembra?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Eram 7h da manhã? Eram 11h da manhã?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Era não, era mais tarde.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quase na hora do almoço?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Também não. No meio da manhã?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu acho que lá para as dez e meia.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Dez e meia. E V.Sa. tinha solicitado a autorização para usar a caminhonete do Deputado José Aleksandro para ir com a sua família no feriado para Fortaleza...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Para Fortaleza do Abunã.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - ...do Abunã, que é uma cidade do Acre mesmo.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, porque o... É, exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. Quantos quilômetros fica de Rio Branco?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Acho que são uns trezentos e poucos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quer dizer que V.Sa. estava a menos da metade ainda, quando parou nessa barreira.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava. Estava antes muito. Estava parece que a cem quilômetros, cento e poucos.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E onde é que estava o Deputado José Aleksandro nesse...?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava aqui em Brasília.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Aqui em Brasília. E quando é que ele ficou sabendo que o Nim tinha fugido?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Ah, acho que foi à tarde, porque de lá, quando a gente... Foi, foi a partir da tarde que ele ficou sabendo.



O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Alguém ligou para ele comunicando?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu liguei na hora que... Lá no posto policial eu pedi para a minha mulher ligar de lá do posto para ele para participar, dar alguma coisa para a advogada, porque a gente não... tipo assim...

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Vocês estavam todos presos, é isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, exatamente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Vocês ligaram para dizer: "Estamos presos aqui".

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, exatamente. Tipo assim, porque o único é ele, que pode mais da família. Aí é o único que resolve os problemas, assim, dos outros. Aí ela participou e disse: "Olhe, aconteceu isso e isso. Estamos aqui presos porque o Budu fez isso, e a gente ainda ia para Fortaleza do Abunã e (*Ininteligível.*) ligou e aconteceu isso, isso e isso." Disse tudinho para ele.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E o que o Deputado José Aleksandro falou? O que ele achou disso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Ele ainda disse: "Olhe, eu vou solicitar à minha advogada para ir aí acompanhar vocês". Só isso que disse, que falou.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - E ele achou bom o Nim ter fugido?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Eu liguei para ele de tarde quando eu fui liberado, e pedi desculpas para ele. Ele disse: "Mas, meu irmão,



você nem podia fazer isso, rapaz." Tipo hoje, eu peço muitas desculpas aqui a ele — é que eu errei nesse dia — por hoje a gente está passando por isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. Quer dizer, V.Sa. acha que errou pelo fato de ter dado uma carona na caminhonete dele para o Nim, que era fugitivo, quer dizer, já tinha fugido.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Exatamente. Se eu soubesse que ia ter isso tudinho, eu podia, porque ele é sangue meu, mas noutro carro, sem ser o dele. Eu ainda iria, se ainda fosse hoje, de novo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Sei. Agora, quem é que pediu para transferir o Nim da Papudinha para o COE?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não sei. Isso aí eu não sei. Desse assunto só os advogados sabem. Eu não acompanhei isso.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Existe lá uma briga política entre o Deputado José Aleksandro, o Governador do Acre e o Líder do Governo na Assembléia? O que é que acontece?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu assisto ao jornal todo dia. O Governador fala dele e tudo mais. Isso aí eu acompanho só por jornal.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Quer dizer, um falando do outro. E o Deputado José Aleksandro não ameaçou o Governador, não ameaçou o Deputado Edvaldo Magalhães lá?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, isso eu não vi, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Ficou sabendo de alguma coisa?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Só pelo jornal. Fala uma coisa, amanhã fala outra, mas de ameaça eu não sei.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Bom, então eu não vou fazer as perguntas de natureza subjetiva, Sr. Presidente, porque, naturalmente, é irmão do nobre Deputado José Aleksandro. Eu vou encerrar por aqui a minha indagação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Concedo a palavra ao Deputado José Aleksandro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ALEKSANDRO - Presidente, eu não vou fazer nenhuma pergunta ao meu irmão, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - A Presidência gostaria de indagar o Sr. Francisco Sandro.

V.Sa. faz o quê? Qual é a sua ocupação?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho caçamba, faço frete, faço areia, tijolo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Frete? Tudo bem. Eu fiquei confuso aqui, não sei se entendi bem. Só para ficar bem claro, a que horas mais ou menos V.Sa. pegou Nim no posto? A que horas, mais ou menos?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Acho que eram umas 10 horas, por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Dez horas, aproximadamente. E a que horas eles prenderam vocês na barreira?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Acho que eram umas 11 horas e pouco, perto de 12 horas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Uma hora, mais ou menos?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, acho que nessa faixa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Mais ou menos, não há importância de minuto.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, acho que nessa faixa. E nessa viagem Nim somente disse que fugiu porque estava com receio...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Só. Ele estava sendo ameaçado lá dentro e por isso fugiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Nada mais do que isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nada mais do que isso. Nós conversamos normalmente, mas de lá mesmo ele só me falou isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Por hora estou satisfeito.

Concedo a palavra à Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Francisco, V.Sa. já foi perguntado. Eu até peço desculpas antecipadamente, porque vou repetir algumas perguntas.

A moto. Seu irmão fugiu e logo em seguida pegou uma moto. Onde é que fica o COE? Eu conheço a cidade de Rio Branco, mas não com tantos detalhes.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fica no Conjunto Tangará.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É longe do centro da cidade?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, não é longe, não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É um conjunto residencial?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, tem muitas casas.

Casa (*Ininteligível.*) Conjunto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É uma delegacia? Tipo uma delegacia de Polícia? Seria isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, é um quartel lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É um quartel. E é um local movimentado?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, não é muito, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não é movimentado?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Meio tranqüilo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então a moto teria passado, coincidentemente, na hora em que seu irmão pulou.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, porque lá tem muitas motos lá, mototáxi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu conheço mototáxi, que no meu Estado tem muita também.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Ele deve ter pegado uma assim, na hora, e ido lá para o posto. Aí de lá ele me ligou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele ligou do posto?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Utilizou o telefone do posto?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei de onde foi. Orelhão. Lá tem muitos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu imagino que alguém que esteja preso não tenha dinheiro.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, mas, lá, sempre que eu visitei ele lá, deixava dinheiro para ele. Sempre dez reais, ou vinte reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas isso é permitido? Eu também não conheço muito como é que funciona.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Visita lá tem sempre.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Visita sim, mas que dê dinheiro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu dou, que ele é meu irmão.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas isso é legal, é permitido a todos os presos?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu estou dizendo que dou para ele dinheiro quando eu vou lá visitar ele. Deixo refrigerante, deixo um dinheiro, se ele quiser comprar alguma coisa. Eu dou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Talvez eu esteja aqui fazendo um autoquestionamento, que o Relator poderá responder se é normal, se é permitido aos presos que são visitados receberem dinheiro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Em presídio de segurança máxima isso não ocorre, mas em presídios mais abertos essa prática acontece.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então ele tinha dinheiro, certamente, para comprar o cartão telefônico e pagar a mototáxi.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tinha não, ele tem; até hoje ele tem o seu dinheirinho lá. Toda semana nós vamos lá e deixamos dez, vinte reais para ele. Toda semana. Até hoje.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele é fumante?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não fuma. Toma só refrigerante, essas coisas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele, quando V.Sa. foi apanhá-lo no posto, ele não falou nada a V.Sa. sobre quem era o dono da moto, como é que...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, porque lá tem muitas motos, senhora. Muita motos lá, e ele nem sabe quantas motos tem lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pelo que eu entendi, a esposa dele, a Sra. Márcia, do Nim, não estava.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Em casa, ela estava em casa. Passei lá e peguei ela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Já com o Nim no carro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Já com o Nim no carro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Com que objetivo pegaram a esposa dele?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Para ela ir junto. Ele pediu, eu fui lá. Ele disse: "Olhe, eu quero levar minha mulher também". Eu peguei, fui lá e levei ela também.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o telefonema para o Deputado José Aleksandro, foi antes ou depois de pegar a Sra. Márcia?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi depois, já lá de Tucandeira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na estrada. Já na estrada.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, quando a gente estava detido já.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando estava detido?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem ligou foi a sua esposa?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, Rosângela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Rosângela. Foi ela que ligou.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi ela que ligou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela utilizou que telefone?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu acho que o telefone de lá mesmo, do posto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tucandeira é um posto de gasolina?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É um posto policial? Uma barreira policial?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sim. Aí foi o *(Ininteligível.)* pedir a ela.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí ela pediu o telefone emprestado e ligou para ele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Pediu, foi, lá do posto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ela ligou para que telefone do Deputado José Aleksandro? Onde ela localizou o Deputado José Aleksandro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não sei. Eu sei que eu pedi para ela ligar. Agora, qual foi o telefone, se foi para a casa dele, eu não sei. Ele estava aqui, acho que deve ter ligado para esse aqui, de Brasília.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Fez um interurbano, portanto, lá do telefone do posto.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tucandeira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, se a CPI pedir à Polícia... É um posto rodoviário da Polícia Federal?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, rodoviário.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Posto rodoviário da Polícia Rodoviária Federal.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, não sei se é... É Polícia Civil mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É Civil, da Polícia Estadual?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, PM.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, se for solicitada da Polícia Estadual a relação naquele período ou naquela dia dos telefonemas feitos vai aparecer lá o telefone onde foi encontrado o Deputado José Aleksandro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Vai.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. leu os autos já do processo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não leu nada, não?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não estava próximo à sua esposa quando ela ligou?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não, estava já detido lá...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. estava detido. E ela não estava detida?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não, só eu e outro, o Nim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - As duas não foram detidas, elas ficaram...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tinha alguma... Alguma delas estava gestante?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A sua esposa?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, a outra.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Márcia, esposa do Nim, estava gestante. V.Sa. estava com um telefone celular na ocasião?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não, porque em viagem assim eu não... Estava lá no... Mas lá onde (*Ininteligível.*) não pega celular não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas Nim não ligou para V.Sa.?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Lá na cidade pega. Agora, quando a gente vem, (*Ininteligível.*) ele não pega mais não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sai da área e o celular não funciona mais.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não funciona. Acho que uns 40 quilômetros para cá já não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, quando o Nim ligou para V.Sa....

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava lá na cidade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...ele ligou para o seu celular.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De um orelhão do posto onde ele se encontrava.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não sei de onde foi que ele ligou, só sei que ele ligou. Agora, não sei de onde foi. Eu sei que ele ligou para mim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que horas ele ligou? V.Sa. lembra?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Acho que eram umas 10 horas, por aí.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Umas 10 horas?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele não lhe falou do horário exato que ele saiu da prisão, que ele fugiu?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Na hora que ele fugiu acho que ele ligou logo para mim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Porque lá na Tucandeira... V.Sa. respondeu que lá, aproximadamente, foi que os senhores foram detidos, às onze e meia. Não foi isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Certo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele ligou às 10 horas para V.Sa.?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, eu acho que foi essa hora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Às 10 horas. Deu tempo de V.Sa. apanhá-lo e ainda viajar 100 quilômetros?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, acho que deu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em uma hora deu tempo de fazer tudo isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Deu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu não sei. A estrada é asfaltada?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É tudo no asfalto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Estrada boa, corre muito, o carro é bom também?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aquele adesivo que tinha no carro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - O que é que tem?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Porque V.Sa. andava muito no carro do Deputado José Aleksandro.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, sempre eu ando, pego, lavo os carros dele...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aquele adesivo está posto no carro desde quando?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não sei, não. Nem olho. Qual adesivo?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tem algum adesivo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - De político?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, político não, um adesivo da Câmara dos Deputados...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...pregado no carro do seu irmão.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não lava o carro?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não, eu mando lavar no posto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas anda no carro?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sempre ando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca viu um adesivo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu vejo vários lá, agora não sei de qual é que V.Exa. está falando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na frente assim, no vidro da frente.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nunca percebi, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca percebeu o adesivo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Vejo lá vários adesivos, mas não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Adesivo de que V.Sa. vê?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - De político e tudo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROBERTO BATOCHIO - Tem uma foto aqui. Quer usar a foto?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É, seria importante mostrar a foto para ele. Quem sabe V.Sa. se lembra. Carro de político anda com adesivo de campanha. Enfim, talvez V.Sa. não se recorde, e, vendo, pode...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu acho que devo ter visto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. lembra, agora?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Acho que devo ter visto.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não prestou atenção, então.

V.Sa. nunca prestou atenção nesse adesivo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas era um adesivo importante.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Um brasão semelhante ao brasão da Polícia Federal: "Câmara dos Deputados, trânsito livre". Então V.Sa. não presta atenção nesse adesivo...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Todos usam? Todos os Deputados usam isso?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não. A Câmara não tinha nem conhecimento, para V.Sa. ter uma idéia. V.Sa. nunca tinha prestado atenção nesse adesivo?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, não tinha, não, senhora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca se utilizou dele para entrar ou sair de alguma cidade?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Eu uso mais o carro assim para... É porque eu só tenho carro grande, caçamba, aí sempre eu pego ele, mas nunca eu percebi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. é filiado a algum partido político?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca foi?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, graças a Deus, não.

Eu nem quero.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. tem um tio chamado José Branco?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho, o tio Zé Branco.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele é policial, ou foi policial?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Ele foi. Quer dizer, foi, não, acho que ele ainda é, porque ele está preso, mas recebe.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele está preso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Está.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele está preso por quê?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não sabe qual a razão?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, porque lá... Não sei não, é política mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele está preso por questões políticas?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, só pode.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não é por ligação com droga...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não sei, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não sabe. Ele é seu tio...



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tio mesmo, legítimo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...de primeiro grau, legítimo.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E V.Sa. não sabe a razão de ele estar preso, acha que é política.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu acho, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. conheceu o ex-Deputado Hildebrando Pascoal?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Conheci ele, assim, somente de vista, por televisão, mas não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não tinha relacionamento nenhum com ele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu irmão. V.Sa. sabe de algum relacionamento que seu irmão tivesse tido com ele?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não tinha também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não sabe.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Conhecia ele, assim, por televisão, mas relacionamento ninguém não tinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E sabia de algum relacionamento do seu irmão Deputado Federal com ele?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sabia também não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. não sabe.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nem sei, até hoje.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. tem uma caçamba, pelo que eu entendi, faz frete.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. já prestou serviços ao Governo, ou à Prefeitura, ou à Câmara de Vereadores?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, à Câmara não. Eu estou com ela faz um ano só.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah, V.Sa. não tinha, é recente essa sua atividade.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, está com um ano, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. presta serviços à Prefeitura Municipal de Rio Branco?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Presta serviços?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Presto. Tem licitação, a gente participa da licitação. Vamos dizer, recente, 50 caçambas. A gente participa, aí passam, vamos supor, 20 caçambas. Aí são 25 caçambas só. Aí passam até 25. Quem passa fica, agora quem não passa sai.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas V.Sa. tem uma caçamba só.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho só uma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E com essa uma caçamba V.Sa. participa de licitações.



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Claro, todo o mundo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É carta-convite? V.Sa. lembra como é?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, é licitação mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E é feita individualmente?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, é todo o mundo. É tipo assim: bota preço aí, quem bota o preço mais baixo, passa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu acho que era isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Permita-me só esclarecer, porque ficou confuso esse final do depoimento. Uma pergunta: esse Né a quem V.Sa. se refere, quem é?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Quem?

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Né, de que V.Sa. falou, que arranja... Não é? E quando arranja. Quer dizer, V.Sa. entra com a sua caçamba num conjunto de 20, 30 ou 40 caçambas, é isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Quem ganha a licitação...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Passa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - ...recontrata vários proprietários de caçamba, é isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, vários, vários.



O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Senão fica... Dá a entender que é feita uma licitação uma por uma...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Agora quem não entendeu fui eu, porque eu entendi que ele é proprietário de uma caçamba e que com essa caçamba ele participa individualmente de licitação.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não foi isso que V.Sa. disse?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Todo o mundo, é isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - É?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas não misture os outros. Nós estamos perguntando a V.Sa., ou é uma empresa que participa de uma licitação, ganha, e V.Sa. é contratado?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, quem tem lá só uma caçamba pode participar. Vários dos meus amigos têm só uma e participam, porque o cabra só tem só aquela caçamba.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí V.Sa. assina um contrato direto — daí a gente vai entender melhor — com a Prefeitura? V.Sa. assina um contrato direto?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Assino, tudo certinho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - V.Sa. tem quantos contratos? Tem um contrato em vigor neste momento?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho não. Eu acho que daqui a uns vinte dias eu vou ser chamado.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Chamado para prestar serviços.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, porque eu passei dentro dos 20, mas só foram chamados aqueles que tinham preço mais baixo. Eu ainda botei o preço mais...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o Governo do Estado lá não faz licitação?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Também faz.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E V.Sa. participa?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Participo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E já ganhou alguma?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, porque eu só participei de duas até agora. Aí... Só de duas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Concedo a palavra ao Deputado Waldir Pires.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Quem era o condutor da moto?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Excelência, como é que é?

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Quem era o condutor da moto que trouxe o Nim na hora que...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eu não sei, Excelência. Não sei, porque lá tem várias motos.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Sim.



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Aí a gente não sabe. Acho que é mototaxi.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Ele não estava com o seu irmão na hora que V.Sa. acolheu o...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Qual? Não, Excelência.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - O condutor da moto. Não estava.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não. Estava sozinho.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - E existiam roupas, vestimentas do seu irmão dentro da caminhonete?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, existia minha.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Só sua?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Minha, da minha mulher e só. Mas dele não.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Qual é a distância entre o quartel de onde ele fugiu e o local em que V.Sa. o encontrou?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É perto, uns 500 metros. É um posto, pertinho, não é muito longe, não.

SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Foi V.Sa. que chegou primeiro, ou ele já estava lá?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Já estava lá ele.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Então V.Sa. não tem nenhuma idéia de quem foi o condutor da moto.



SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tenho não, Excelência. Não tenho porque lá têm várias motos, aí a gente não... Nem ele mesmo sabe.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - A moto que, ao saltar, ou ao se libertar do quartel, ele tomou ele não sabe nem quem foi esse...

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sabe não, Excelência.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - A hora em que a sua senhora telefona para o Deputado José Aleksandro, essa hora é imediatamente após ele chegar, ou...

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Excelência, não entendi, não.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Veja bem. A sua senhora telefonou para o Deputado José Aleksandro comunicando que ele tinha-se evadido, que ele tinha saído da prisão. O Deputado José Aleksandro soube por intermédio de um telefonema da sua senhora.

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, depois que o (*Ininteligível.*) ele, aí fui eu pedir para ela ligar, porque é o único da família que tem, que pode ajudar em alguma coisa, num advogado, num negócio, é ele. Aí fui pedir para ela ligar para ele de lá de onde a gente estava detido.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - V.Sa. que telefonou para ela?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, a Rosângela ligou para ele.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Sim, eu sei, eu sei que foi a D. Rosângela que ligou para ele.

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Certo.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Mas ela soube por intermédio de V.Sa.



SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi junto, ela, comigo.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Ela estava junto com V.Sa.

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava sim, Excelência.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Aí ela saiu e foi dar esse telefonema.

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, lá no posto.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - E de que forma ele chegou? Do local da prisão, quem o conduziu V.Sa., nem tem idéia?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Onde? Como é que é? Não entendi.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Quem foi o condutor, V.Sa. nem tem idéia do nome?

SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - De onde?

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Condutor da moto...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sei não, Excelência.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - ...que trouxe o Nim até o local em que V.Sa. o encontrou.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Sei não, Excelência.

O SR. DEPUTADO WALDIR PIRES - Muito obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Grato, Deputado Waldir Pires.

Deputado Orlando Fantazzini.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - V.Sa. disse que havia solicitado a caminhonete emprestada do seu irmão, para fazer uma viagem. Naquele



dia em que V.Sa. estava saindo para a viagem, o seu irmão ligou solicitando ajuda.

É isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Como é que é? Não entendi.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - V.Sa. declarou que havia solicitado a caminhonete do seu irmão para fazer uma viagem.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi. Fortaleza...

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Fortaleza, isso.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - ...do Abunã

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - No dia em que V.Sa. estava saindo para fazer a viagem foi que V.Sa. recebeu o telefonema do seu irmão, que havia acabado de fugir da prisão?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi, foi, mas foi assim mais tarde. Eu me arrumei de manhã, para ir para essa viagem. Aí, lá para as 9 horas, quando eu ia para essa viagem, íamos eu e minha mulher, aí, quando eu ia, foi quando eu recebi o telefonema. Ele disse: "Olhe, fugi, estou assim, assim, assim." Eu disse: "Conversa, rapaz." Ele disse: "Estou assim, assim, assim. Você passa aqui agora, que eu fugi." Eu só fiz dar a volta no carro, voltei e peguei ele lá.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Quer dizer, então V.Sa. estava preparando-se para sair para uma viagem, seu irmão ligou, segundo V.Sa., por volta das 10h da manhã, e aí V.Sa. foi lá em socorro dele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - E ele conseguiu chegar até o local em razão de ter pego a mototáxi.



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Mototáxi.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Bom, dali V.Sa. percorreu 100 quilômetros.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nessa faixa.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Umas 10 horas, mais ou menos, V.Sa. disse, até as 11 horas, lá em...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tucandeira.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Tucandeira. Mas V.Sa. disse também que passou pela casa do seu irmão. E qual é a distância do local em que V.Sa. estava até a casa do seu irmão? Porque V.Sa. foi buscar a esposa dele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Aí dá uns três quilômetros.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Treze quilômetros?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Três.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Três quilômetros.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nessa faixa.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Dentro da cidade?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, tem muito bairro assim... Não é dentro do centro, não.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Isso. Mas aí V.Sa. pegou o seu irmão, foi em direção à casa dele, andou uns três quilômetros e...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Peguei a mulher dele e continuei a minha viagem.



O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - E era no mesmo sentido da estrada que V.Sa. ia pegar.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, no mesmo sentido, quase.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - No mesmo sentido? Quase? Eu não conheço. Eu gostaria que V.Sa. detalhasse.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fica perto.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - O que é esse "fica perto"? V.Sa. foi para o norte e depois V.Sa. ia pegar uma estrada para o sul, ou a estrada era sempre no mesmo sentido norte? Como é que era isso?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Eram uns três quilômetros de lá, de onde eu fui, e eu acho que mais um quilômetro para pegar a outra rua, que ainda ia lá para o...

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Era no mesmo sentido, então?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Era quase no mesmo sentido.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - A rodovia que V.Sa. foi pegar era no mesmo sentido. Quando V.Sa. chegou lá, foi buscar a esposa do seu irmão, ela já estava preparada...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, assustou-se, virou e disse: "Que é isso?"

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Vocês chegaram a entrar na casa?



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Só eu, para dizer:

"Nim fugiu e está chamando." Ela só foi pular dentro do carro e...

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Não pegou nada? Roupa?
Foram sem nada?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não. Roupa... ela só fez
juntar lá umas duas roupas e foi.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Quanto tempo V.Sa. acha que
V.Sa. demorou lá?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Onde?

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Na casa.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Não, ligeiro. Não foi muito,
não, que o Nim estava fugido.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Sim, mas foram cinco minutos,
dez, quinze, entre ela juntar rapidamente a roupa, fechar a porta...

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Uns três minutos.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Três minutos? Entre V.Sa.
parar o carro, ir lá, falar com ela, ela juntar as roupas... Ou ela já estava esperando?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Não estava esperando?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Estava não, que ela se
assustou comigo. Eu disse: "Nim está aí dentro do carro; o Nim fugiu".

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Quer dizer que V.Sa. gastou
três minutos nesse tempo, para estacionar o carro, entrar na casa, falar com ela, ela
juntar as roupas, vocês saírem, trancarem a casa...



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Há?

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Três minutos foi o tempo que vocês gastaram.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Nessa faixa.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Três minutos. E aí V.Sa. pegou a estrada, e vocês estavam indo para a chácara do seu irmão, que fica lá em Senador Guiomard, ou vocês estavam indo para outro local?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fortaleza do Abunã.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Ah, V.Sa. estava indo para o mesmo local onde V.Sa. ia tirar férias, então.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É, porque eu não ia ficar assim, sem rumo. Eu disse: Eu vou (*ininteligível.*), para onde eu fui, eu ia.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - A chácara do seu irmão em Senador Guiomard também fica na mesma direção, ou não?

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Fica, eu pego para cá para Fortaleza e ela fica para cá.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Então a chácara do seu irmão fica em sentido oposto.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Totalmente oposta uma da outra.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - É.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Mas o seu irmão tem essa chácara.



O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Tem.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - É de propriedade dele.

O SR. FRANCISCO SANDRO ALVES DA SILVA - Que eu mesmo saiba, é.

O SR. DEPUTADO ORLANDO FANTAZZINI - Que você saiba, é.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado José Thomaz Nonô) - Agradeço ao Deputado Orlando Fantazzini.

Deputado Josué, desiste? A Presidência agradece.

Temos uma sessão convocada para as 14h30min. Acho que não há necessidade de encerrarmos esta. Basta suspendermos a sessão, até para não termos nova ata e ganharmos tempo.

A sessão está suspensa e terá prosseguimento às 14h30min, no Plenário 16. Serão ouvidos o ex-Deputado Osmir Lima e a testemunha Glorivan Bernardes de Oliveira, o delegado que não pôde ser ouvido hoje pela manhã porque a esposa estava sendo submetida a uma cirurgia. Com isso se encerram os testemunhos de defesa.

Está suspensa a sessão, com reinício às 14h30min.

(A reunião é suspensa.)